

PERNAMBUCO

A NEGAÇÃO DE UM MUNDO PEQUENO

Em novo livro
Everardo Norões
amplia sua poesia

E MAIS: INÉDITO DE RONALDO CORREIA DE BRITO | AS ESTRANHAS CORES DO BRASIL
POR LIV SOVIK | O INSTANTE QUE FAZ O POEMA VALER A PENA POR DORA RIBEIRO

GALERIA



JOHANNA STEINDORF

“Encontrar as roupas que haviam sido deixadas para a Cruz Vermelha, espalhadas sobre um canteiro, criou um efeito de desorientação em mim. Depois, despertou meu interesse por objetos pessoais abandonados em locais públicos. Qual a sua história? O que dizem sobre o seu antigo proprietário? Estas e outras questões me levaram a realizar esta série, feita em Colônia e Berlim, na Alemanha”, declarou a fotógrafa, brasileira que mora na capital alemã e mantém o site <http://www.johannasteindorf.de>.

CARTA DO EDITOR

A matéria de capa do **Pernambuco** de abril já estava encaminhada, fotos engatilhadas, entrevistas feitas e tudo o mais, quando soubemos que no começo deste mês Everardo Norões estava para lançar um novo livro de poemas. Foi um tal de “parem as máquinas” (o equivalente a “táxi, siga aquele carro” em se tratando de jornalistas). Era a nossa chance de fazer uma matéria especial com esse que é um dos nomes mais singulares da literatura brasileira hoje. Na maior correria, convocamos Fábio Andrade e Carolina Leão para tentarem compreender o incômodo e a sedução da sua poesia. Para completar o time, o fotógrafo Heudes Régis, que fez um excelente trabalho em captar a intimidade do escritor.

Em seu perfil de Everardo, Carolina Leão faz questão de ressaltar o quanto o poeta está isolado do resto da produção literária da cidade. Ela destaca uma de suas frases, que enfatiza o quanto escrever pode significar um ato de contestação da cidade. “Ao mesmo tempo que Everardo distancia-se da cidade, ou dos clichês da cidade, sua obra vem sendo descoberta por uma geração de escritores e críticos

recifenses, que estão mais interessados pela forma e o fazer poético, a exemplo do núcleo crítico da revista *Crispim*, nascida na Universidade Federal de Pernambuco”, apontou Carolina.

Depois de um tempo sem dar as caras, umas das seções do **Pernambuco** reaparece este mês, a *Descanse em paz*. Ela foi pensada para lembrarmos/brincarmos com aqueles livros que foram pedra-de-toque e fundamentais numa época e depois caíram no esquecimento, se afundaram em sua verborragia de ideias. O retorno do *Descanse em paz* acontece com o engraçado artigo da jornalista Carol Botelho, sobre o romance *Eu, Christiane F., drogada e prostituída*, que tanto marcou a geração dos anos 1980.

A parte de inéditos está bastante especial nesta edição. Publicamos, com exclusividade, um dos contos do novo livro que Ronaldo Correia de Brito lança no segundo semestre, pela Alfaguara. E também uma crônica curiosíssima de Fabiana Moraes investigando o fetiche que rege um dos templos de desejo do Recife!

É isso, boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Anna Karina, Flávio Pessoa, Gilson Oliveira, Militão
Marques, Nélcio Câmara e Pedro Melo

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

PEDRO MELO



Ninguém podia dizer que só eu era branca

Autora explica a “câmara de ecos” de sua obra sobre o cosmopolitismo brasileiro

Liv Sovik

“My words echo
Thus, in your mind”
– T.S. Eliot. “Burnt Norton” *The four quartets* (1944)

Estas palavras, traduzidas por Ivan Junqueira como “Assim ecoam minhas palavras / em tua lembrança” (infelizmente debilitando o acento na palavra *Thus* e a pausa que vem depois), evocam em mim a ação de uma bola de bilhar que é uma frase ecoando na minha cabeça. Tem frases que permanecem até ficarem estranhas e outras que são tão estranhas que ficam. Foi o caso de “Aqui ninguém é branco”, que uma pós-graduanda me deu como resposta à pergunta, “Mas” (o “mas” se devia à recorrente discussão da cultura e herança afrobaiana) “o que significa ser branco na Bahia?” Aquela frase comunicava pela incomunicação. Sabia que havia brancos na Bahia porque não estava sozinha na minha branquitude, mas de alguma forma a frase soou tão verdadeira, sincera e natural, que não houve resposta possível na hora. Tive que pensar enquanto as palavras ecoavam na minha lembrança. Ecoaram tanto que viraram o título de meu livro, que já tive dificuldade em explicar: às vezes dizia que era paradoxal, uma negação no título do próprio assunto de uma obra sobre a branquitude; em outras dizia que era uma ironia ou uma expressão essencial do discurso identitário nacional. Certa vez, expliquei que o tom era mais para “Você é gordo!” do que “Todos vão à praia”, pois sentia que usar a frase como título tinha algo de confronto. Quando Silviano Santiago escreveu no prefácio que o título foi “inspirado na certa em leitura de Ionesco”, foi um alívio. Quando ele apontou para o absurdo da frase, tudo ficou claro e não estava mais sozinha, ninguém mais podia dizer que só eu era branca. Minha cabeça deve funcionar assim, como câmara de eco, pois os versos de Eliot volta e meia estão presentes quando preciso refletir sobre como

eu penso. Fragmentos me chamam a atenção, re-frãos como “A carne mais barata / É a carne negra” ou “Não vivendo pra dançar / Mas dançando pra viver”. Por mais que a frase de Eliot chegue para mim como resumo de minha pequena ópera em forma de colcha de retalhos, me imagino pensando e não escrevendo. Para mim é uma grande e agradável surpresa que o meu jeito de escrever dê prazer, pois é tão difícil me imaginar escritora que demorei anos para poder pronunciar, sequer para mim, as palavras “meu livro”, parecia tudo em maiúsculas, e eu me levando a sério demais. A hesitação, fantasiada de cuidado, me aflige.

+++
O vai e vem entre escrever e não escrever vem de longe. Quando cursava a oitava série e ela tinha 40 anos, minha mãe começou a fazer seu mestrado em Letras. Conversava comigo sobre as coisas que lia e aprendia, na cozinha, depois da escola. No mesmo ano, como dever de casa, descrevi uma profissão que me atraísse, em texto que redescobri no meio às coisas guardadas na casa de meus pais 30 anos mais tarde. Estava interessada em ser professora universitária, disse, mas a desvantagem seria ter a obrigação de escrever, *publish or perish*. Minha resistência não aguentou a passagem dos anos, mas o que cedeu primeiro foram as ressalvas à escrita. Só assumi a carreira universitária um pouco antes da descoberta do texto sobre “o que quero ser quando crescer”.

Escrever adquiriu diversos sentidos através do tempo. Quando tinha 26 anos, era patinar na superfície. A superfície tem má fama mas neste ano de jogos olímpicos de inverno, lembra-se como patinar é tecer passo a passo, com graça quase involuntária, um caminho que encontre um chão onde nem sempre há terra firme. Significava não cair – de bunda ou, pior, no buraco da tristeza – e isso era minha preocupação principal quando tinha essa idade. Escrever parecia uma forma de criar meu próprio chão.

Não cai no buraco, mas tampouco deslancei a escrever. Quando a popularização do computador permitiu essa façanha contemporânea, titubear e corrigir quase na mesma hora, virei uma escritora de cartas relativamente longas, cujas qualidades dependiam da relação com os amigos e parentes que as recebiam: só podia escrever coisas engraçadas ou tocantes para *aquela* pessoa. O destinatário de algumas dessas cartas me respondeu (certamente querendo dar ênfase à parte “poesia”), que eu escrevia “*poetry without yet its wings*”. Escrevo poesia sem asas, que não decola do chão. Por outro lado, quem sabe patinei bem, fiz curvas bem fechadas, traçando as pernas com corpo na diagonal para não desperdiçar energia, dei talvez até uma pirueta, mas sem adornos, como ensinaram meus professores em Yale, que exigiam humildade diante da tarefa de dizer.

Hoje, escrever a primeira versão de trabalhos acadêmicos muitas vezes causa algo que é quase dor, pela angústia do não dito, o medo de não encontrar a forma de abrir uma picada na mata fechada de um assunto, o tédio da vasta escolha de palavras e noções. Gosto mais é de revisar, revisar, reinventar, embora tenha que conter, quando estou me sentindo criativa, minha tendência a rir sozinha, aos *private jokes*. Em gostar de frases prontas, estou muito bem acompanhada. Eliot demonstrou ter ecos de palavras na sua lembrança e citava desde a eremita medieval Julian de Norwich (“Tudo estará bem / toda sorte de coisa estará bem”, em “Little Gidding”) ao barman do pub chamando o público para sair (“*Hurry up please it's time*”, em *The Waste Land*). Mas talvez a frase que mais frequentemente resvala na minha mente nem seja de Eliot, mas dos irmãos Gershwin, cantada por Aretha Franklin, claríssima na sua percepção da contingência da vida: “*It ain't necessarily so*” – Não é necessariamente certo.

O LIVRO



Aqui ninguém é branco
Editora Aeroplano
Páginas 175
Preço R\$ 28

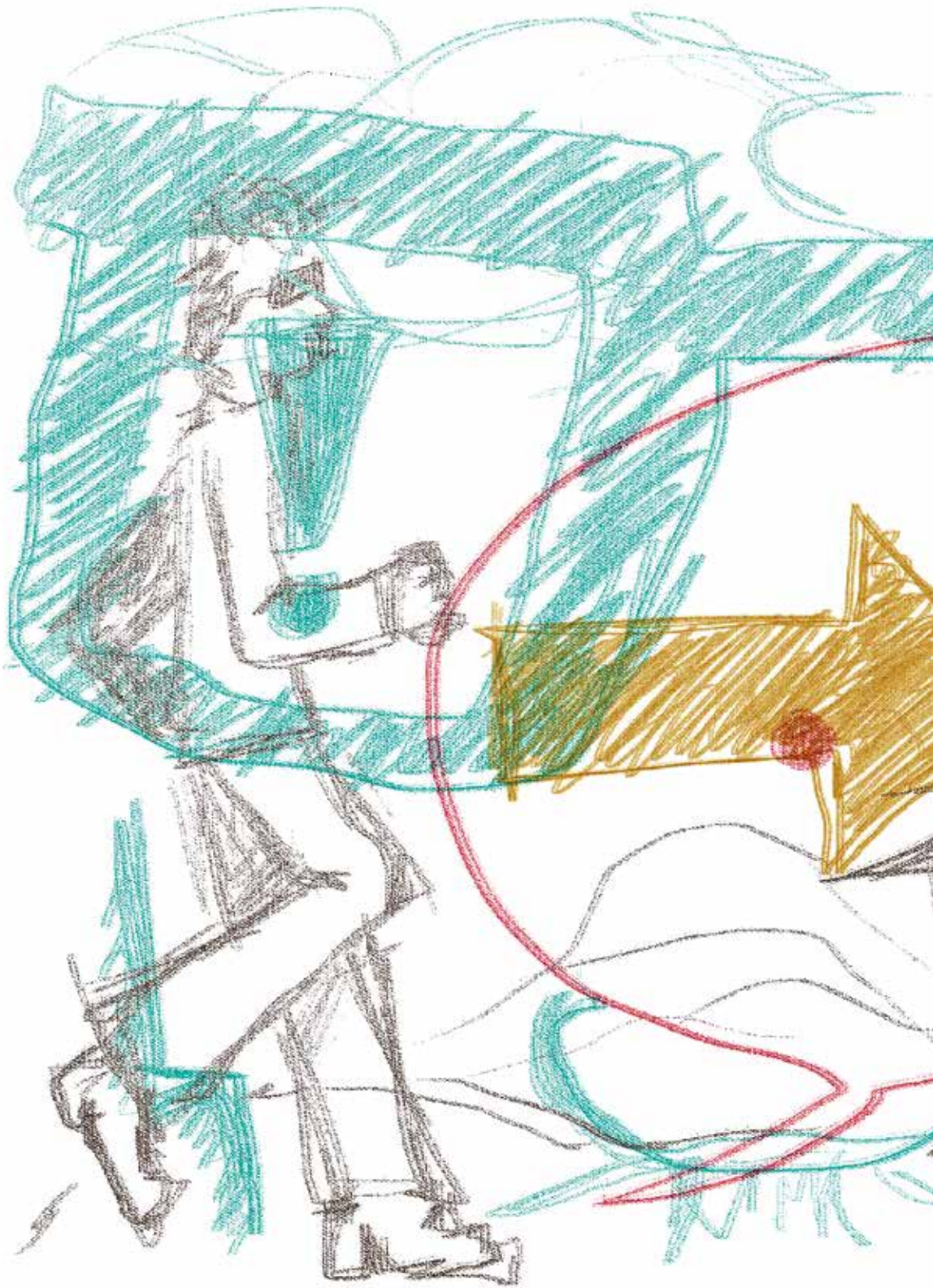
QUADRINHOS

Para que escrever só com palavras?

Entenda o que está levando os escritores brasileiros a se aventurarem nas HQs

Diogo Guedes

FLÁVIO PESSOA



“Devo ser a única escritora brasileira que não está fazendo roteiro de HQ nesse momento. Não digo com orgulho ou inveja, apenas constato”. Descontado o exagero, a frase, dita no Twitter (onde mais?) pela jovem escritora gaúcha Carol Bensimon, parece descrever a realidade: no espaço de alguns meses, vários autores contemporâneos passaram a anunciar parcerias com desenhistas. Tanto que o carioca João Paulo Cuenca respondeu-a com o mesmo tom: “Somos dois. Só dois”. O mais rápido, no entanto, foi André Conti, editor do selo de quadrinhos da Companhia das Letras, que, alguns minutos depois, mandou um sintético e convidativo “Demorou” para a gaúcha.

Se havia exagero nas palavras de Carol Bensimon, não era muito. De fato, são vários os quadrinhos produzidos com a mesma formação: pelo menos seis escritores aceitaram a empreitada de se aventurar nas HQs. A mentora dos encontros é a empresa RT/Features, especializada em criar projetos ou adquirir direitos autorais de obras para adaptação para cinema e outros meios.

A proposta de unir escritores e desenhistas veio do chefe da empresa, Rodrigo Teixeira, e do escritor e poeta Joca Reiners Terron, coordenador do projeto e autor de uma das HQs, *Inimigo imaginário*. Não é o primeiro empreendimento ousado da RT/Features: em parceria com a Companhia das Letras, ela já fez a série *Amores expressos*, que mandou 16 autores para cidades diferentes do mundo para criarem histórias de amor, além de ser responsável pela produção dos filmes *Cheiro do ralo* e *Natimorto*.

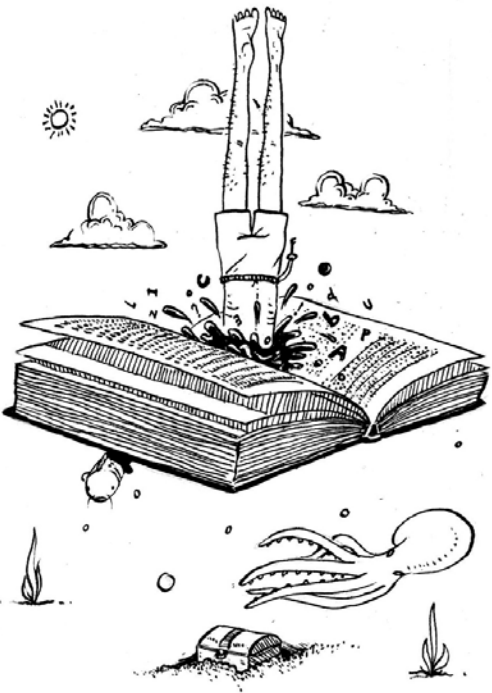
Com a garantia de uma empresa viabilizando a produção das *graphic novels*, restou apenas estabelecer parcerias interessantes, algumas vezes entre pessoas que sequer se conheciam. Além de Terron, os outros escritores participantes são Daniel Galera, Ronaldo Bressane, Daniel Pellizzari, Emílio Fraia e Marcelino Freire.

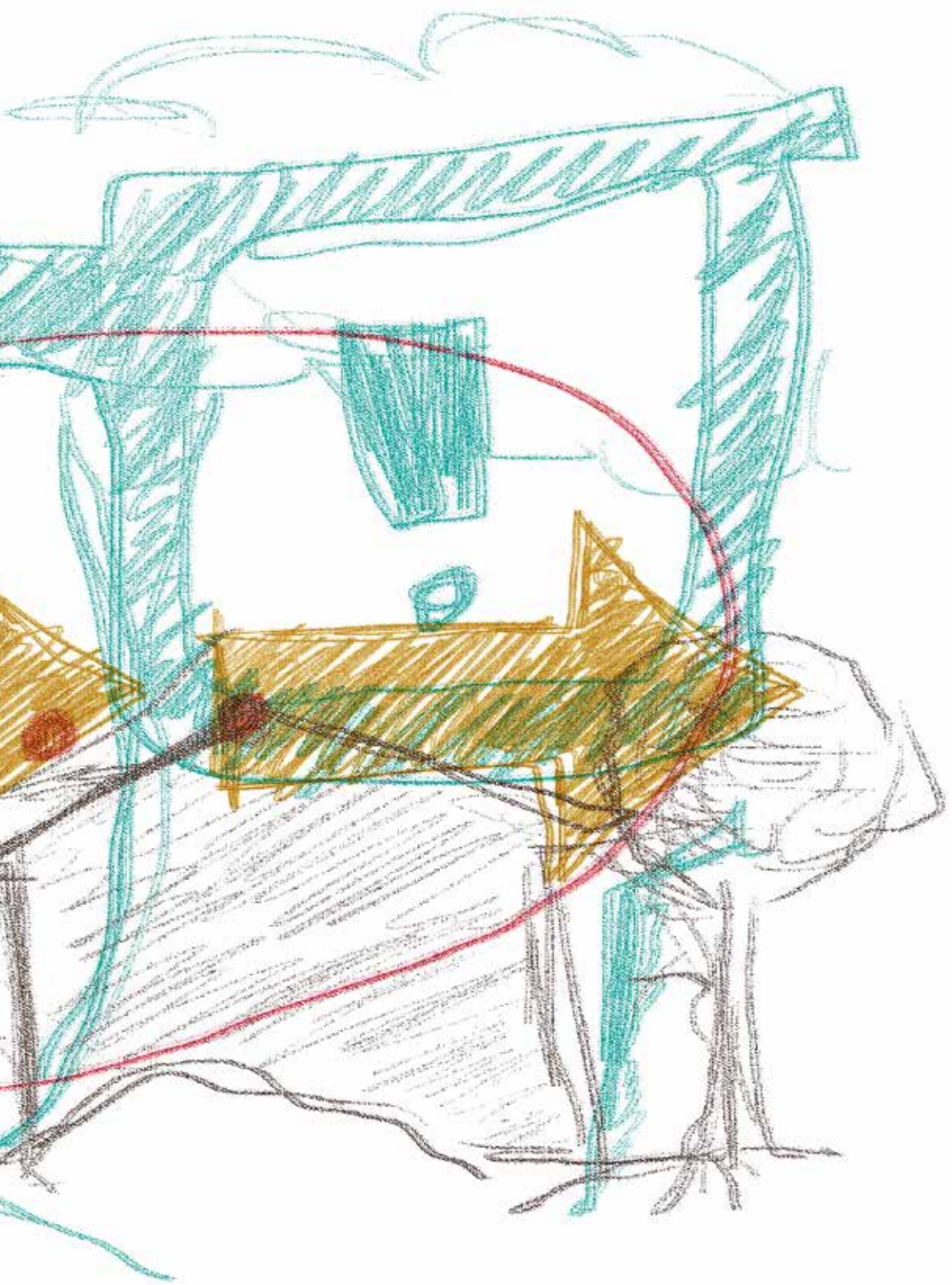
“A idéia de reunir escritores com quadrinistas tem a ver com a pouca tradição de histórias longas no Brasil”, explica Terron, ressaltando que até hoje os principais nomes do país fazem tirinhas ou gibis. “Pareceu interessante incentivar a união de quadrinistas com escritores que procurem atribuir maior qualidade textual e argumentativa aos quadrinhos”.

RELAÇÕES ANTERIORES

Os convidados, em geral, já possuíam alguma relação com o mundo dos quadrinhos. Terron desde criança ensaiava criar suas próprias HQs, e não à toa é um dos maiores entusiastas do projeto. Daniel Galera traduziu títulos clássicos, como *América* e *Minha vida*, de Robert Crumb, e *Jimmy Corrigan*, de Chris Ware, enquanto Bressane chega a se dizer “alfabetizado por Mauricio de Sousa”.

“Fazer uma HQ sempre foi uma obsessão”, conta Bressane, que, em *Vishnu*, único dos casos em que há uma parceria tripla, ajudou Eric Acher a roteirizar a narrativa ambientada em 2035. Com influência de vários autores de ficção científica e do filósofo indiano Jiddu Krishnamurti, a *graphic novel* é, segundo Acher,





“a história de uma inteligência artificial humanista e messiânica surgida na Índia que defende a ideia de que há um ‘bug’ no cérebro humano” – no caso, um bug que causaria a destruição da própria espécie. O resultado é uma inversão de papéis interessante. “O computador é humanista, enquanto os humanos defendem cegamente o avanço tecnológico”, analisa o argumentista.

A parceria entre Bressane, Acher e Cobiato vem dando bastante certo. “Tem sido sensacional”, empolga-se o escritor, “o Eric (Acher), dono da história, sabe muito sobre ciência e ficção científica, e o Fabio (Cobiato) é um gênio, provavelmente um dos melhores desenhistas do país”. Cobiato também exalta os companheiros, definindo seu papel como o de “‘iluminar’ o texto e complementá-lo com informações visuais”. Acher vai além: “Eu me considero o guardião da estrutura, do esqueleto da história. O esqueleto sozinho só causa arrepios. Mas sem a carne, os músculos e a pele que o Bressane e o Cobiato estão criando, o esqueleto não fica de pé”.

Para Daniel Galera, que já está na fase final da produção de *Cachalote* junto com o artista plástico e desenhista Rafael Coutinho, fazer um trabalho em parceria não é algo simples. “Acho muito difícil trabalhar com os outros, tive apenas dois ou três parceiros criativos na vida, como Guilherme Pilla e Daniel Pellizzari. O Rafa (Coutinho) se somou a eles”, diz. “A obra é composta por cinco histórias principais e uma menor, uma espécie de vinheta meio surreal que surge em alguns momentos”, define. São enredos independentes, que

envolvem personagens diversos, como um escritor deprimido, um playboy expulso de casa e um ator chinês decadente, dentre outros.

“As narrativas não se cruzam, mas têm alguns elementos em comum, como pequenos mistérios não explicados, protagonistas em momentos de crise de identidade, a presença da indústria do cinema como parte do ambiente da história”, explica Galera. O processo de criação da *graphic novel* de 300 páginas – que teve sete deles impressas em uma edição da revista *Piauí* no ano passado – contou com cerca de dois meses de *brainstorm* até a primeira versão escrita da história, ainda literária. Depois disso, houve grandes mudanças no roteiro, chegando finalmente à versão final. O resultado, que será publicado ainda neste semestre, não podia ser outro: “*Cachalote* é uma criação coletiva em que as contribuições de um e outro não podem ser claramente identificadas no resultado final”.

O processo escolhido por Galera para dar o pontapé inicial na HQ foi o mesmo escolhido por Terron para *Inimigo imaginário*. “Primeiro, eu escrevi um conto longo que narrava a história do início ao fim”, descreve o escritor, “depois, adaptei – estou adaptando, na verdade – o conto a um roteiro”. A partir disso, o texto é mandado a Gabriel Góes, desenhista da HQ, que faz a versão a lápis. A arte-final só deve acontecer quando roteiro e imagens estiverem completos.

Em *Inimigo imaginário*, Terron e Góes apresentam a história de Uruguaio, veterano de guerra que lutou à força pela Argentina na guerra das Malvinas. Ele foi o

único sobrevivente do seu batalhão de um confronto com os gurkas, oficiais nepaleses que defendiam a Grã-Bretanha. Vinte anos depois, sem conseguir se livrar do passado, o personagem volta à ilha, no que Terron chama de “missão impossível de resgate de seus amigos mortos”. Em parte, é uma história de ação, mas, como alerta o autor, “não chega a ser uma HQ de super-herói. Também tem muita reflexão e – espero – alguma literatura que valha a pena”.

POR ALGUMA LITERATURA

Trazer escritores para fazer quadrinhos acaba por reacender a antiga (e talvez superada) discussão sobre o quanto há de literatura nas obras de quadrinhos. Já em 1985, Will Eisner, um dos maiores nomes do gênero, ressaltava no clássico *Quadrinhos e a arte sequencial* as diferenças de escrever literariamente e escrever para HQs: “Ao escrever apenas com palavras, o autor dirige a imaginação do leitor. Nas histórias em quadrinhos imagina-se pelo leitor. Uma vez desenhada, a imagem torna-se um enunciado preciso”.

É o mesmo raciocínio que defendem os escritores, todos cientes das diferenças entre as linguagens. “É preciso ter em mente o tempo todo que parte considerável da mensagem está sendo passada pelo desenho”, admite Galera. Para Bressane, o importante é pensar uma HQ como uma HQ, e não como a adaptação de um texto literário feito previamente. O autor de *Vishnu* também cita alguns exemplos do que considera como *graphic novels* de alto nível: *Jimmy Corrigan*, *Watchmen*, *Fun home*, *Sandman* e *O sábado dos meus amores*.

Também negando a comparação entre os dois meios – “HQ é HQ e literatura é literatura” –, Terron cita autores que conseguiram mesclar elementos literários com a narrativa visual, como Valêncio Xavier e Andrzej Klimowski. “São exceções. Os quadrinhos têm uma forma absolutamente original e de regras próprias, não precisam mais ser comparados à literatura para ganhar

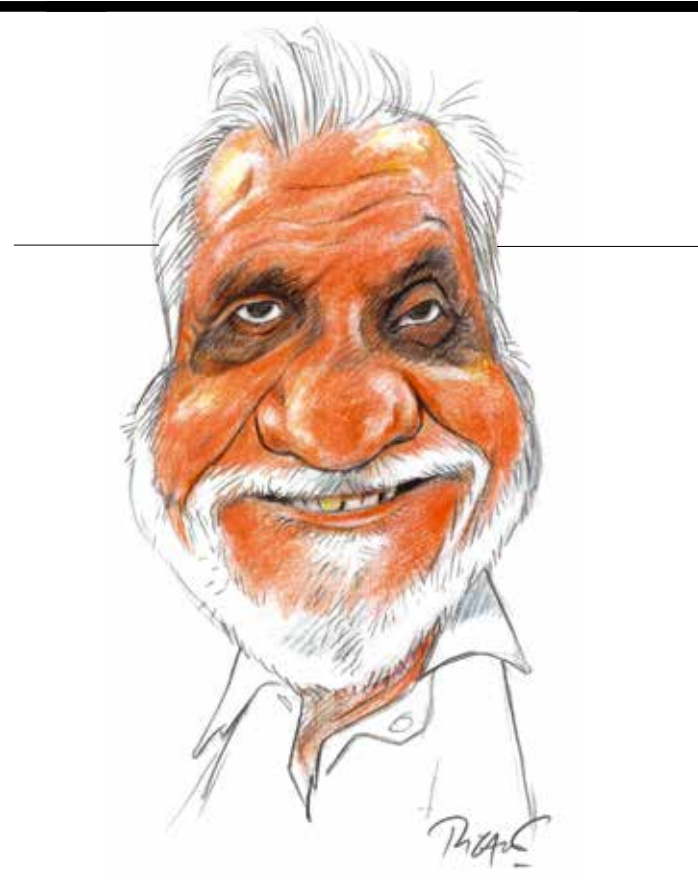
“Os quadrinhos têm uma forma absolutamente original e de regras próprias”, explica o escritor Joca Reiners Terron

status artístico”, expõe. Para Galera, trabalhar com esses elementos únicos das HQs é o que “abre as possibilidades expressivas que são especiais aos quadrinhos”.

Além da parceria com a RT Features, outro fator incentivou a produção de tantas obras: a publicação de diversos quadrinhos autorais nos últimos anos, principalmente histórias mais longas. O mercado editorial brasileiro passou a investir mais em *graphic novels* – sem dúvida, o gênero das HQs com maior status de arte atualmente. Pelo próprio caráter de romancista dos convidados, não é à toa que todas as obras parecem seguir esse caminho.

“É certo que fomos incentivados pelo interesse dos leitores por quadrinhos autorais”, diz Bressane, “há uns três anos não teríamos condições de trabalhar em um projeto desse porte”. Galera, no entanto, já pretendia fazer a HQ com Rafael Coutinho de todo jeito: “Sem dúvida nos incentivou. Mas não foi determinante. Teríamos feito de qualquer forma”.

Para Terron, o caminho da valorização dos quadrinhos é natural. “A ficção também nasceu como folhetim nos jornais e só depois adquiriu status mais nobre. Aos poucos, com os quadrinhos acontecerá a mesma coisa”, opina. Carol Bensimon, que se considera quase uma leiga no assunto, mais uma vez ilustra como essa valorização das HQs já está acontecendo. Ao discreto convite do editor André Conti no Twitter, a gaúcha deixou a resposta em aberto: “a) Nunca ninguém me procurou e b) Li bem poucas HQs na vida. Mas, quem sabe, em breve. :)”.



Raimundo CARRERO

O psicológico nas cenas se movimenta

O drama interior do personagem exige perícia para revelar a tensão

Se o cenário ilude, esconde ou disfarça, a cena torna mais rápida a movimentação interna da prosa. É puro jogo, estratégia. O narrador convida o leitor a avançar e muitas vezes oferece vários caminhos de forma a impedir, por assim dizer, ilusões e divagações. Muita gente considera Graciliano Ramos frio, direto, incisivo, mas não é bem assim. O mestre alagoano conhecia não só o valor das palavras – tinha habilidades formais. A palavra é apenas um dos elementos da narrativa que exige mais, exige muito. Construir um romance pede perfeita consciência dos seus elementos internos.

“Baleia”, capítulo antológico de *Vida secas*, é composto por cenas– cada vez mais rápidas – quando o artista convencional optaria por divagações, diríamos, mesmo em se tratando de um animal. Para não perder a verossimilhança – o risco era muito grande – o narrador investiu nas cenas sobre cenas. Só uma pausa: na página 68, da 63a. edição, da Editora Record, 1992, Graciliano mostra a qualidade técnica de sua obra, a respeito do assunto:

“Fabiano modificara a história – e isto reduzia-lhe a verossimilhança. Um desencanto. Estirou-se e bocejou. Teria sido melhor a repetição das palavras”.

É uma aula. E que ninguém diga que o autor é espontâneo. Nada disso. Ele próprio declara seus cuidados técnicos, conhecimentos, detalhes. Tudo de acordo com a estrutura do romance. É claro que respeito demais quem pensa diferente de mim. É claro. Literatura não é dogma de fé. As verdades são muitas, diversas, diferentes, e cada um com seus conceitos. Mas tenho sempre o cuidado de examinar as técnicas. Porque elas existem para isso.

Observa-se, ainda, que os autores gostam de dar informações técnicas sobre as suas obras em vários lugares da história, mas nem sempre o leitor – ou analista– está atento. São explicações que, em geral, passam despercebidas. Até porque o autor – através do narrador – faz isso de propósito. Já não digo que seja nesse caso especial. No entanto, é preciso examinar com cuidado. Com muito cuidado.

Na verdade, as cenas podem ser externas ou internas de ângulo aberto e externas e internas de ângulo fechado. No exemplo seguinte, a cena é externa de ângulo aberto porque mostra todos os movimentos, sem especificar o perfil do personagem, nem do ambiente. Todas as ações chegam diretas aos olhos do leitor. Há um painel vivo, inteiro.

“Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé do turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se

no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado, agachada e arisca, mostrando as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se ainda mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente”.

Na cena aberta de ângulo fechado, que virá agora, apenas Baleia participa. A narrativa é interiorizada, e a psicologia não é nem de longe convencional, realiza-se nas cenas sobre cenas revela-se nos chamados verbos de movimento: fugiu, passou, meteu-se, dirigiu-se etc. É interessante perceber como Graciliano muda o foco narrativo sem que isso cause traumas ao leitor nem altere o andamento do romance. Esta é uma das características essenciais do escritor alagoano. Isso tudo vem da influência do folheto de cordel, onde o aprofundamento psicológico vem nas ações. Isso quer dizer: nas cenas. E que é um resquício ainda da epopeia, em cuja estrutura o folheto se apoia. Vejamos o ângulo fechado da cena:

“E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às painelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino aos pulos. Defronte do carro de boi faltou-lhe a perna defronte. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro mas teve medo da roda”.

Então se pode dizer que há uma diferença básica entre as duas cenas mesmo com as duas sendo vistas de fora: a) Na primeira, de ângulo aberto, todo o conjunto de elementos é visto pelo leitor, de modo a enriquecer sua visão dos fatos: b) Na segunda, o foco se estabelece sobre Baleia – de maneira quase exclusiva – para revelar, sobretudo, a queixa psicológica, mas revelada no movimento externo. Não há interiorização. O narrador enriquece as situações, como se trabalhasse com uma câmera, afastando-a ou

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

FEMINISMO

Pouca gente sabe que a geração beat norte-americana teve ativistas talentosas do sexo feminino

Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs, Gregory Corso são alguns dos nomes imediatamente lembrados quando se fala na geração beat norte-americana que, nos anos 1950, antecipou as inquietações juvenis que iriam deflagrar em 1968 uma revolução nos costumes ocidentais. O que pouca gente sabe é que a geração era formada também por mulheres ativas e talentosas como a precursora Madeleine Gleason e as seguidoras Diane di Prima, Denise Levertov,

Josephine Miles, Joyce Johnson, Jones Hettie, McClure Janna, Pommy Janine e Anne Waldman, que foram totalmente esquecidas. Segundo Corso, “nos anos 1950, se você era homem, podia ser um rebelde. Mas, se fosse mulher, sua família mandava trancá-la”. Quem quiser saber mais sobre o assunto deve consultar o livro *Women of the Beat Generation*, de Brenda Knight (Conari Press, 1996). Há também referências no livro *Geração Beat*, de Claudio Willer (L&PM Pocket, 2009).

REPRODUÇÃO



FLÁVIO PESSOA



aproximando–a para atingir a sensibilidade do leitor. Até porque ele pode recorrer, quando necessário, é claro, a um cenário que ilustra a ação, neste caso, um cenário psicológico. É o que se chama de cena sobre cenário, diferente daquele cenário sobre cena que nós vimos no capítulo passado. E como seria esta cena sobre cenário? Assim:

Cena: “Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera”.

Cenário psicológico: “Os chocalhos das cabras tilintavam para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança”.

Cenário psicológico: “Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos na noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles”.

Cena: “Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido”.

Literatura não é dogma de fé. As verdades são muitas, diversas, diferentes e cada um com seus conceitos

O corte é necessário para efeito didático. Com calma podemos verificar, então, que o foco narrativo atua sobre Baleia, unicamente, e o próprio Fabiano desaparece até o final do capítulo.

Para exercício, procure criar um pequeno texto de até 20 linhas, onde os movimentos do foco narrativo – ora aberto e amplo, ora fechado e único – apareçam com clareza.

Voltaremos ao assunto.

CINEMA

Francês inverte a ordem e transforma filmes em livro

É comum que livros sejam adaptados para o cinema. O ilustrador David Merveille fez o oposto. A partir das aventuras do senhor Hulot, personagem criado pelo cineasta francês Jacques Tati (foto), seu conterrâneo, escreveu o livro *Na garupa do meu tio*. Hulot é um sujeito atrapalhado que transforma em algo fantástico o universo cotidiano. É como ver vários filmes transformados num livro simpático e divertido. A edição brasileira é da Cosac Naify.

PORTA À PORTA

Venda de livros porta à porta sobrevive e é o terceiro canal de vendas mais eficiente do país

Perdendo apenas para as vendas em livrarias (primeiro lugar) e internet, a venda de livros de porta em porta, hábito antigo que muitos davam por extinto, é o terceiro canal de vendas de livros do país, mobilizando cerca de 30 mil vendedores. Em 2009, venderam-se mais de 28,8 milhões de exemplares. Entre os mais vendidos estão a *Bíblia*, seguida de didáticos e paradidáticos, mas outros gêneros como ficção já começam a ser comercializados.

Norte e Nordeste são as áreas do país que mais compram, principalmente em regiões sem acesso a livrarias ou internet. Quem informa é a ABDL – Associação Brasileira de Difusão do Livro. Para este ano está sendo criada a campanha *Tbc, toc, É o livro*, em mídias de massa como televisão, outdoor, jornais e revistas, com o objetivo de criar um ambiente de confiança e receptividade nos consumidores para que abram as portas de suas residências aos vendedores de livros.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português, que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade);
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



ENTREVISTA
Vanderley Mendonça

“Não há artistas gráficos para o livro no Brasil”

Na penúltima entrevista da série com editores, uma conversa com o responsável pelo selo Demônio Negro, que procura realizar um projeto editorial de caráter artesanal

DIVULGAÇÃO



Vanderley, gostaria que contasse, para os leitores do Pernambuco, um pouco da história da Demônio Negro.

O nome Demônio Negro nasceu antes do selo editorial, durante uma festa medieval quando eu morava na Espanha. Era assim: de um lado populares que representam anjos cristãos, vestidos de branco, e de outro lado, pessoas que representam mouros ou demônios, todos de preto, promovem uma disputa. Ganha quem faz mais barulho atirando com seus bacamartes. Isso foi em Valência, lugar onde aprendi e estudei catalão medieval e me fez recordar minhas raízes nordestinas. Nessa festa, eu ficava sempre ao lado dos demônios. O nome Dimoni Negre ficou desenhado, então, na minha cabeça, até o dia em que encontrei uma representatividade pra ele e criei um selo editorial em que eu pudesse resgatar as tradições das artes do livro, preservar algumas técnicas de impressão e acabamento que estão se extinguindo. Mas principalmente procurei criar um projeto literário sólido, exaltando a poesia e a prosa de invenção. O selo tem hoje 3 anos e agora associei-me à editora Annablume, que possibilitou uma amplitude maior na distribuição dos livros, inclusive em livrarias na Europa.

Entrevista a **Cristhiano Aguiar**

Algumas pessoas não se contentam em gostar de ler. Elas amam os livros. Literalmente. Gostam de sentir o cheiro de tinta na página (ou o cheiro do mofo e do tempo, guardado entre os parágrafos), a textura dos papéis usados, o peso do objeto. Foi o caso de alguém como José Mindlin, bibliófilo recém-falecido, e certamente é o caso de Vanderley Mendonça, criador e editor do selo Demônio Negro (<http://www.annablume.com.br/demonionegro/>).

Uma das experiências editoriais mais interessantes surgidas no Brasil nos últimos anos, a Demônio Negro é uma editora independente que investe na publicação de livros artesanais. Parte de seu sucesso está não apenas no seu catálogo,

com nomes do peso de um Octavio Paz e de um Augusto de Campos, mas na busca por conciliar o melhor que a tradição tipográfica ocidental legou, sem abrir mão de um senso de contemporaneidade. As publicações da Demônio Negro são feitas com influência de técnicas renascentistas e medievais, porém nunca aparentam ser anacrônicas.

Por e-mail, Vanderley Mendonça, formado em Design pela RIT (Rochester Institute of Technology) e mestre impressor pela Escola Superior de Artes Gráficas e Tipográficas de Leipzig, conversou com o **Pernambuco** sobre as técnicas que utiliza na confecção dos livros do selo, os desafios que uma editora pequena precisa enfrentar para sobreviver no Brasil e os rumos dos livros artesanais na era do Kindle.

Qual o foco editorial do selo? Que critérios são utilizados para publicação?

Na poesia e na prosa, o foco é a inventividade, a novidade no bom tratamento na linguagem. Foco em novos autores e clássicos que por algum descuido do mercado editorial estejam à sombra, escondidos dos leitores. É o caso d’ *O guesa*, de Sousândrade, que apesar de duas edições fac-similares de muito mau gosto, teve realmente impressa sua última edição há mais de 100 anos, e na Inglaterra. Reeditei-o, dando-lhe o merecido tratamento editorial

“ Os amantes do livro normalmente são amantes das artes gráficas. Esta arte é mais requintada nos livros que noutras áreas.

e tipográfico que resgatasse sua importância na literatura brasileira. Por isso, fiz um livro com capa em tecido importado da Alemanha, impressão com clichês e um minucioso estudo que recuperasse a sua característica tipográfica novecentista, sem esquecer que tivemos um amigo filólogo, Luiz Rosalvo Costa, ajudando na recomposição do texto. Uma outra curiosidade do mercado editorial brasileiro é o caso de Glauco Mattoso, poeta maldito, conhecido em muitos países, e que até há pouco ainda pagava pra ser editado. Dele editei um pequeno livro intitulado *A maldição do mago marginal*, também uma edição com técnicas artesanais de impressão, mas muito luxuosa. Há ainda uma série de novos autores estreantes ou inéditos, nesses três anos. Os critérios de publicação vão desde minha admiração pelo trabalho do autor, até uma aposta em algo que tradicionalmente outras editoras não o fazem, isto é, imprimir livros com requintes de acabamentos em baixíssimas tiragens e manter preços de mercado.

É preciso um investimento muito alto para viabilizar um selo como Demônio Negro? A venda consegue dar lucro?
Normalmente, não há lucro, no máximo os livros se pagam. O investimento é relativamente baixo, se falarmos em equipamentos antigos, mas acredito que boa parte dele deva ser usado em formação. Produzir do nosso modo é caro e demorado, pois utilizamos sistemas de reprodução antigos nas capas e no acabamento, como linotipos, clichês etc. e a montagem é sempre manual. Isso encarece, porém, como somos nós mesmos que detemos o *know-how* de produção, não gastamos grandes valores em quantidades enormes de livros (digo isso, porque vale para livros

de poesia, por exemplo) para justificar um baixo preço unitário. O modo de reprodução industrial para livros endivida as editoras porque demora-se para vender 1500 ou 2000 livros de poesia. A novidade que a associação com a editora Annablume possibilitou é a venda on line, pelo site www.annablume.com.br/demonionegro, e pudemos assim manter os preços acessíveis ao leitor, apesar do acabamento mais caro.

Existe sentido de fabricar um livro artesanal nos tempos do Kindle?
Os amantes do livro normalmente são amantes das artes gráficas. Esta arte é mais requintada nos livros que noutras áreas. Em geral, profissionais gráficos de revistas, de publicidade e de boa parte dos jornais não tem conhecimentos em artes tipográficas e as relações da tipologia com os modos de produção. As poucas escolas ensinam estética, mas muitos esquecem que o aprendizado da arte gráfica está intimamente ligado à técnica de reprodução, aos suprimentos utilizados, ferramentas e a seus suportes específicos. Nesse sentido, novos suportes terão sua própria estética advinda de sua tecnologia. Fui um dos primeiros a comprar o Kindle, acho-o fascinante, ela nasce da necessidade moderna de tornar tudo mais fácil e rápido de se reproduzir e de se vender cada mais e mais barato. Pena que desta necessidade, a qualidade do material editado e comercializado hoje é da pior espécie. Acredito que isso mudará. No entanto, ter em mãos um livro fabricado artesanalmente, sentir taticilmente a textura de um tecido na capa, os mais variados tipos de papel, a profundidade do impacto dos tipos de chumbo, o brilho e a densidade das tintas é uma experiência somente

aprazível a poucos. E estes poucos justificam a produção artesanal e de baixa escala.

Quais são as principais etapas de publicação e editoração dos livros da Demônio Negro? Como eles são impressos?
Como já disse, sou também impressor. Pesquiso tecnologia gráfica há muitos anos. Eu mesmo seleciono o autor, traduzo, se for uma das línguas que domino. Desenho o livro, imprimo e monto. Isso, inclusive, está se tornando um impedimento à produtividade dos títulos, na medida em que se vão aumentando os lançamentos, mas em breve teremos gente treinada para fazê-lo também. As técnicas de impressão são escolhidas em função do livro. Não há regras, exceto na composição tipográfica das páginas, o respeito aos antigos manuais de composição e conceitos primordiais de grandes mestres impressores. Utilizo também sistemas de impressão digital, offset, fazendo um produto híbrido, algo que junta vários momentos dos sistemas de reprodução do livro. Estou projetando um livro, por exemplo, em que todas as imagens serão impressas em gravuras em metal por que o autor é um gravurista. A capa terá clichê de zinco e tipos de madeira. Parte do miolo terá impressão digital. Não será livro de artista, mas um projeto para utilizar técnicas de arte que tem a reprodução como essência.

Que experiências tipográficas e de produção artesanal de livros influenciaram o seu trabalho na Demônio Negro?
Tenho grande admiração e influências do editor e tipógrafo italiano Aldo Manuzzio, que definiu, no século 16, os padrões estéticos para livros que continuam ainda atuais e válidos. Aldus Manutius (que o software PageMaker homenageou, denominando-se

“ Normalmente, não há lucro, no máximo os livros se pagam. O investimento é relativamente baixo, se falarmos em equipamentos antigos.

se Aldus PageMaker, nos anos 1980) notabilizou-se, entre outras razões, por ter usado os caracteres itálicos (ou aldinos) desenhado por um de seus assistentes, Griffio (daí a atribuição às palavras escritas em tipos itálicos). Na realidade Aldo Manuzzio, que chamava-se Teobaldo Manucci e mudou o nome por influência de um amigo, o cabalista Giovanni Pico, foi o editor que mais contribuiu para a divulgação da literatura humanística no século 16, especialmente das obras da Antiguidade grega. Gosto muito também das obras impressas em Portugal por tipógrafos judeus na época manuelina. No Brasil, tenho muita admiração e influência dos trabalhos de Cléber Teixeira (e sua Noa Noa) e Guilherme Mansur (e sua Tipografia de Fundo de Ouro Preto). Estes, sabem compor uma página como poucos. Com o excesso de recursos da segunda metade do século 20 pra cá, o livro, em especial, teve um rebaixamento vertiginoso em suas qualidades gráficas e tipográficas. Sem contar uma influência às vezes grosseira de artistas plásticos desenhando livros. Há hoje também grande influência da web na composição dos livros, as páginas começaram a parecer páginas de revistas, com filetes pra todo lado, muitas famílias de tipos etc. Desses designers, quero distância. Fui aluno de Claudio Ferlauto, quando estudei na Belas Artes, em São Paulo. Dele aprendi a utilizar poucas fontes de letras.

Que formação é necessária para alguém que deseja criar um selo com o perfil da Demônio Negro? O Brasil oferece cursos e incentivos que auxiliem essas iniciativas?
A formação de artistas gráficos, especificamente para o livro no Brasil, é quase inexistente. Em geral é como eu disse, muitos conceitos e pouca ou nenhuma prática. Aprende-se

a ser diagramador na melhor das hipóteses. Há em São Paulo o Senai Teobaldo de Nigris, uma ótima escola. Lá tem equipamentos e bons professores. Acho que sem atributos básicos para a produção gráfica e conhecimento, formação e paixão pela literatura fica muito difícil alguém criar um projeto literário. Eu, além de minha formação em artes gráficas e tipográficas, estudei também literatura na PUC - São Paulo e design na Escola de Belas Artes. Sempre estudei línguas e viajei muito. Há que se somar a isso um pouco autodidatismo também, sem dúvida.

Como a Demônio Negro lida com dois gargalos da produção editorial: primeiro, a distribuição dos produtos; segundo, conseguir espaço na mídia?
A distribuição para livrarias ainda está numa fase inicial. Nós estamos selecionando alguns pontos pelo Brasil, fazendo parcerias e iremos expandir ainda este ano, inclusive para fora do País. Porém, quase tudo é comercializado no site da editora. Quanto ao espaço na mídia, não dá pra nos queixarmos, pois temos conseguido boa divulgação. Acredito que pela importância dos títulos.

Você poderia falar dos projetos para 2010?
Para este ano, a pauta de publicações é até grande para o nosso tamanho. Entre os mais importantes lançamentos, teremos a obra poética e teatral do tcheco Vaclav Havel, que foi presidente de seus país; a reedição dos *Poemobiles* de Augusto de Campos; um inédito do português E. M. de Melo e Castro e outro de Guilherme de Almeida. Pelo selo também há muita coisa brasileira contemporânea, como os poetas Marcelo Sahea e Beatriz Bajo, os escritores Luiz Roberto Guedes, Furio Lanza e Tamara Sandler, entre outros.

CAPA

HEUDES RÉGIS



Prestes a lançar seu novo livro, Everardo Norões perfila seu ideário

Exilado e fora

Carolina Leão

Para os modernos estados-nação, a defesa do território da invasão estrangeira era também uma forma de reforçar a identidade cultural de um país. O inimigo, montado a cavalo ou pelas trincheiras das guerras, colocava-se, assim, como um agente definidor da própria noção de pertencimento a um local. Não é a toa, pois bem, que nas duas guerras mundiais tenham emergidos *ethos* histriônicos; e, mais recentemente, a caçada ao terror, de Bush, resultou numa das sociedades mais autoritárias da história. Na psicanálise, é bastante divulgada a ideia da formação da personalidade a partir da percepção do outro. “Eu sou isso porque não sou aquilo”. A diferença, portanto, constrói a subjetividade. Na História da arte, o outro sempre foi, e será, paradigma das escolas e tendências que se opõem umas às outras pela utilização de seus signos e códigos estéticos. Seja fardo ou impulso para a ação, a diferença é paradigma, ainda, dos afetos contemporâneos, ansiosos por serem, contraditoriamente, únicos e aceitos. Contraditoriamente, digo, porque pela exclusividade, pela unicidade, se paga um preço alto: o de ser aquele “outro” o qual devemos tolerar. Há tantas

outras situações em que a alteridade é confrontada, a exemplo do exílio e a forçosa necessidade de adaptação ao estrangeiro, sempre em busca do contexto.

“O exilado esta sempre fora do contexto. Ele pode estar exilado na China ou pode se sentir exilado em Pernambuco”, conceitua o poeta Everardo Norões, natural do Crato, no Cariri cearense. Na segunda quinta-feira de março, fui ao seu encontro no perdido bairro de Sítio dos Pintos, onde a fartura da mata atlântica dá, ainda, o ar de sua graça num acinte imagético. Fora do contexto urbano, numa rua de uma só casa, mas ainda atravessada pela alteridade que insiste em incomodar pelo burburinho dos condomínios de luxo instalados ao redor do local, Everardo produz uma obra de certa forma estrangeira ao manual pernambucano. Não cantou as bravuras guerreiras dos personagens oficiais; não evocou o sentimento de pernambucanidade que tem sido uma constante na estética e crítica da região. Muito menos, encenou a performance do corpo, que, como diria Baudrillard, vem querer provar a verdade pelo escândalo. Homem de poucas palavras, e muitas ideias, Everardo, tem a sua verdade pessoal como bandeira.

Extremamente crítico com o ideal da pernambucanidade, e também outros ideais, o escritor se

contrapõe não só a uma estética, mas ao próprio *ethos* pernambucano, famoso por bradar-se como o Leão do Norte. Trajetória curiosa a sua, no entanto. Everardo veio para o Recife estudar economia. Marxista de formação, engajou-se na luta contra o regime militar. Sobre o Estado, aliás, encontra-se uma de suas falas mais emocionantes. “Pernambuco foi um dos estados que teve mais tortura no Brasil. Esse período foi esquecido da história oficial. Não posso admitir que isso seja normal”, diz. Pernambuco também é um dos estados com mais violência contra mulheres e gays. Também é uma das culturas que revelam contradições de classe expostas em condomínios de luxo construídos próximos de áreas de miséria. É, ainda, uma das sociedades mais tradicionais e conservadoras – não esqueçamos que, como bem observou Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, em Pernambuco fez-se valer o patriarcalismo econômico, quase uma transferência do estático feudalismo português para as terras brasileiras.

Pernambuco, porém, ou melhor, Recife, era o destino certo de jovens como Everardo, que vinham à capital estudar e se inserir à modernidade local. Jovens do interior que até hoje se mudam para a cidade mas não perdem o ar de peixe fora d’água, sempre em



de contexto

busca do contexto, reafirmando-se pelo uso exagerado ou caricato dos símbolos urbanos. Norões, entretanto, distancia-se da caricatura; traz a economia de palavras que marcam, até como estereótipo, o homem ex(cêntrico) à cidade. “A poesia não deve ser palavrosa”, coloca sobre sua obra, parte de sua experiência de vida e sua formação original. Mas não é a excentricidade, estigmatizada em loucura ou irreverência, a marca maior de sua crítica, também inerente à sua personalidade. Tampouco, a sua porção estrangeira. O olhar estrangeiro, sim, forma o pensamento do autor. “É o olhar de fora. Nesse sentido, o poeta é sempre um exilado”, define. Em meio à pernambucanidade, Everardo é o peixe fora d’água dos trejeitos regionalistas. Mas não fez disso um problema. Fez o problema a ser analisado. “Não me considero um poeta pernambucano. A poesia é universal”, completa.

Mais do que sua formação social e as verdades fiéis pelas quais tem lutado, como uma sociedade mais justa ou uma poesia menos apegada aos ismos culturais, Everardo é um homem crítico. Não só um poeta crítico, que investiga a estética. Sua poesia é resultado de uma tensão *ad infinitum* contra o mundo social, o mesmo que expulsou uma longa linhagem de poetas e artistas, a exemplo de Rimbaud e Thoreau. E ela também foge de

estereótipos, dificultando ainda mais a indefinição da sua obra. Sua poesia é política, atesta. No entanto, está longe de representar-se pelo panfleto. É sofisticada, cerebral. Não faz escândalo. “É uma preocupação política. Eu luto contra a decadência da nossa sociedade, que transforma pequenos personagens em heróis”, diz, referindo-se a personalidades históricas como Fernandes Vieira, outrora evocados em poemas pernambucanos.

“Toda a nossa história é montada na farsa”, coloca, remetendo ao *18 de Brumário de Luis Bonaparte*, obra seminal do marxismo. Karl Marx, aliás, está em *Poeiras na réstia*, mas não como o homem de paletó e semblante sisudo que figura nas camisetas e salas dos partidos comunistas. Ele evoca o Marx miserável, que empenhava suas próprias roupas e produzia sua obra, auxiliado financeiramente pelo amigo Engels. E não esconde o fascínio pelo homem que criou uma das teorias mais controversas da história do pensamento ocidental. “Ele teve a capacidade de profetizar”, coloca. Pergunto, na proposta dialética, se o modelo marxista de análise da sociedade não estaria ultrapassado, como gritam os antimarxistas. Everardo é lúcido. “O interessante é a sua concepção filosófica. O motriz de tudo é a

acumulação. O progresso esmaga o que veio antes. Mas é claro que ele não explica tudo”, defende. Analisando a cultura contemporânea, é impossível não apostar na crença de Marx, e de Everardo.

O marxismo é só um dos pontos de interseção de seu processo dialético, entretanto. O método de pensamento, nesse caso, é a desconstrução, alheia a modismos filosóficos. É o pensamento em desconstrução. Alguém que prefere não se contentar com o que lhe é transmitido. Ele se preocupa em desconstruir o real, das verdades absolutas e, sobretudo, do que é indiscutível e aceito. A poesia encontra, assim, sua porção filosófica e uma própria teoria do conhecimento. Nos seus temas, o entender é impulsionado pelo desejo de conhecer e revelar o outro, ao qual não temos ou não queremos ter acesso, por comodismo ou desinformação. Um desses “outros” que Everardo tem revelado em suas críticas e traduções são os poetas hispano-americanos, como Cesar Vallejo, do Peru, e Carlos Pellicer, do México. Aí, descortina-se a função do poeta-crítico de indicar sua própria referência estética, no seu caso, autores obscuros para o consumo padrão. Procurar e associar-se ao desconhecido também é uma forma de se distinguir.

Sua diferença reside nos personagens que inspiram Everardo: homens simples, personagens urbanos, trabalhadores, anônimos, enfim. E mesmo os heróis de sua teoria enquadram-se numa ideologia subversiva, como Abreu e Lima, um dos atores da independência da América Espanhola, que foi proibido de ser enterrado no cemitério de Santo Amaro. “É uma forma subversiva de fazer poesia: contestar a cidade”, revela. Ao mesmo tempo que Everardo distancia-se da cidade, ou dos clichês da cidade, sua obra vem sendo descoberta por uma geração de escritores e críticos recifenses, que estão mais interessados pela forma e o fazer poético, a exemplo do núcleo crítico da revista *Crispim*, nascida na Universidade Federal de Pernambuco.

Como transformar o outro, pergunta o escritor, sobre o seu leitor, interesse daquela “geração *Crispim*”. Aqui ele não é o “igual” de Baudelaire. “A primeira preocupação é com a palavra. Como tocar o outro?”, questiona. O método de criação repousa na síntese

Crítico com o ideal da pernambucanidade, Everardo se contrapõe também ao ethos pernambucano

e suprime a pontuação. “O leitor é quem tem que fazer sua leitura”, defende. Da sua forma também emerge a própria indefinição de gênero de uma poesia concisa, mas liricamente e espacialmente econômica. É invenção, é autobiografia, é ficção? Em *Poeiras na réstia*, seu novo livro de poemas, lançado pela 7 Letras, estão personagens da vida do escritor, que morou na Argélia, Moçambique e na França até os anos 1970. Entre eles, um fundamentalista islâmico, cego, professor de lógica, que inspirou o belo verso “o olhar é a circunstância do real”.

Lembro da primeira vez em que procurei Everardo para uma entrevista. Desconhecia sua obra. Foi numa das edições do Festival Recifense de Literatura. Ouvi uma palestra sua sobre alguns poetas latino-americanos. Quis entrevistá-lo. No primeiro contato que tivemos, Everardo me perguntou: “por que você quer me entrevistar”? Para um jornalista acostumado a lidar com a vaidade dos escritores, aquela pergunta me desconcertou. Mas ali, em sua desconstrução, Everardo também me transformou.

Nesse sentido, o poeta Everardo Norões é um homem exilado

Carolina Leão é doutora em Sociologia

CAPA

HEUDES RÉGIS



Poesia que é feita do que resta e também ilumina

Com *Poeiras na réstia*, Everardo Norões assinala uma concepção particular de literatura

Fábio Andrade

Poetas há que se firmam na construção de uma voz, de uma dicção que seja capaz de materializar sua forma particular de ver e sentir as coisas. Outros concretizam essa cosmovisão na paixão pela mudança, não se conformando ao seu próprio “estilo”, antes o tensionam, impondo-se desafios e arriscando-se a explorar novos matizes em sua voz. Everardo Norões parece inscrever-se nesse segundo grupo com seu mais novo livro de poemas: *Poeiras na réstia*, editado pela 7 Letras.

O título do livro já parece assinalar uma concepção particular de poesia. Para nós que não conhecemos o Sertão, ele expressa a sobrevivência clandestina da palavra poética num mundo fascinado pelos labirintos digitais e pela lógica dos espetáculos. Para dizer a poesia, entretanto, o texto de Everardo abandona as

imagens grandiosas. E nas imagens miúdas introduz o veneno da diferença. Diferença que se constitui como negativa dos discursos oficiais, inclusive dos discursos poético cristalizados.

Talvez, por isso que o livro comece com o poema “Tandô, o anão”. A atenção ao pequeno, àquilo que é imperceptível, vai se tornando a tônica da poesia de Everardo e representando, ao mesmo tempo, uma depuração do próprio discurso poético. “Talvez não visse /o mundo tão pequeno / como o sentíamos”, dizem-nos os versos de “Tandô”. O veneno da diferença resgata, em seu livro, pelo caminho da memória, o que se perderia nas sombras do esquecimento. A poeira que se deixa ver na réstia de luz é o que nos define, porque se revela como memória com sua fragilidade e sua força.

A poética de Everardo é uma poética da memória, que sente e pensa a memória como um bem do presente – por isso livre de redundâncias, de repetições.

Isso já se fazia ver em seus dois livros anteriores: *A rua do Padre Inglês* e *Retábulo de Jerônimo Bosch*. *Poeiras na réstia* acrescenta um dado novo à sua dicção. O que podemos chamar de absorção do elemento prosaico. Não por acaso, Everardo neste livro se arrisca no poema em prosa, gênero híbrido que remonta a Aloysius Bertrand, e que teve toda uma rica continuidade em Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, que conferiram ao gênero certa excelência.

Essa fusão entre prosa e poesia e a consequente diluição da fronteira entre os gêneros transformou-se numa constante entre poetas brasileiros contemporâneos. Num processo de “prosaicização”, ou de “desublimação”, os poemas de *Poeiras na réstia* se abrem à impureza do mundo, mesclando-se aos vários tons do dizer mundano, decorrendo daí não uma amortização do poético, mas, ao contrário, sua potencialização. Essa uma das curiosas contradições da poesia: para ser mais poesia alimenta-se da prosa do mundo. Em alguns dos poemas em prosa que compõem a seção “Paisagens de”, um considerável barroquismo se esgueira pelas frestas de uma visualidade rica e exuberante, uma exuberância, como se vê em “Mohammed Racim”, que transborda do pequeno, do banal: “Havia um lençol no varal num lugar de onde se avistava o mar ludibriando o céu com suas armadilhas de azul-turquesa, a convocar as ilhas para recitarem o coral solene dos afogados. Vi as princesas nos seus vestidinhos longos, cobertos de pequenas lantejoulas, as grinaldas, as fitas nos cabelos negros, as mãozinhas pálidas ostentando a tintura de *henna*. Entre os outros túmulos – não mais que uma dezena – minúsculos canteiros de alecrim. No quarto, onde ex-votos eram depositados, brilhavam colares de prata incrustados de coral e jarros de cerâmica adornados com arabescos, motivos florais, pássaros”.

Outra “contradição”, por assim dizer, presente em *Poeiras na réstia*, é investir-se de um sentido *universal* ao submergir nas selvas mais profundas e *escuras* do seu *local*. De maneira curiosa, quanto mais se entranha no chão da memória, mas universal se torna. Mas talvez aí não haja contradição alguma, cabendo a máxima de Valéry sobre as influências, e que pode ser transposta para este contexto sem o risco de Procusto: o leão não se amansa por se alimentar de cordeiros. A poesia de Everardo não se limita por mergulhar nas sendas de sua memória de sertanejo. Não adere ao exótico, ao contrário, depura-se e amplia-se. Sinal de seu cosmopolitismo

A poética do escritor é uma poética da memória, que sente e pensa a memória como um bem do presente

enraizado é a seção final – “Os transcriados” – em que poetas de várias nacionalidades traduzem alguns de seus poemas (para o espanhol, para o inglês, para o francês, para o italiano, para o quíchua).

A poesia de Everardo Norões nos lembra que a dignidade da poesia mais rica de sentimentos e visões pode nascer dessa sondagem profunda do mundo “não-poético” que nos rodeia e consome. Na epifania de reconhecer-se vivo nos mais simples objetos: “humilde / a escova de dentes aguarda / sobre a pia / sua cor não tem / brilho de fruta / seu toque áspero / lembra o difícil / ofício de viver / ao vê-la / ao lado / do copo d’água / descubro / a cada manhã / o dia rebentar-se / na fúria / de todas as suas máquinas”. O que restar dessas fulminantes revelações, epifanias liliputianas, será o que há de mais permanente em nós – poeira na réstia.

Fábio Andrade é escritor

RESENHA

KARINA FREITAS



Em meio a
uma cidade
que me habita

Em sua estreia, Alexandre Furtado se perde por um Recife de ontem e de hoje

Mariza Pontes



O Recife é como time de futebol, partido político, um flerte fatal: Ame-o ou deixe-o. Nem menos nem mais. Ainda que seja incondicional, esse amor não é cego (apesar da vocação para guia). Quem ama o Recife, encara suas mazelas, sim. Mas procura ressaltar a beleza, história e cultura que justificam esse sentimento, que mistura a saudade do passado da cidade – com suas maxambombas, casa-navio, histórias de assombração e sobrados que deram lugar a avenidas e edifícios –, com o presente engarrafado. O poeta, crítico e contista Alexandre Furtado é um desses amantes.

No seu livro de estreia, *De ruas e inti-nerários*, ele lança um olhar sobre a cidade, destacando mudanças cronológicas e peculiaridades do cotidiano, com a intimidade de quem conhece a vida que pulsa nos becos. Em entrevista ao **Pernambuco**, o autor explicou a nostalgia, a estranha nostalgia, que sente de um Recife que nem bem chegou a conhecer: “Talvez seja pelas referências anteriores, pelas leituras e vivências com gente mais velha. Trago certa nostalgia e não vejo problema nisso, mas não é coisa de apego, melancolia derramada, muito menos achar que tudo no passado era melhor, como se as coisas de hoje fossem absolutamente péssimas”.

As mudanças velozes, que transformaram a face urbana, levaram o poeta a registrar o passado e o presente da cidade, como um esforço derradeiro de preservar uma memória em extinção. “Vivemos uma contemporaneidade cheia de contradições, sem muito tempo para digerir-las. E o mais chocante é que certas referências urbanas desaparecem em muito pouco tempo, a cidade se transforma, e com ela nosso olhar, como se fosse um deslocamento. Quando se vê, aquela casa está abaixo, em seu lugar, um prédio de 30 andares...Desaparecem coisas que faziam parte de sua história, do imaginário local, coisas que nos lembram de nós mesmos. Enfim, quando se percebe, a identidade urbana está completamente mudada, a gente não se reconhece na cidade como antes. Possivelmente, há um desejo inconsciente em registrar o que havia...além de querer chamar atenção para um desaparecimento rápido demais...de querer informar que houve outro Recife, atropelado por uma verticalização sem medida, asfalto pra cá, cimento pra lá, e sua história, suas ruas, ficaram à deriva.”

“Quem não se lembra da Livro 7? Do Bar Savoy? Do Colégio Marista? Do Nóbrega?... do Veleiro e do Maxime’s? Não são coisas tão distantes assim...a cidade incha, e esse modelo termina destruindo coisas belas, como dizia Caetano Veloso em *Sampa*... daí fico pensando, de forma prática, o que é pertencer? Onde começa e termina Pernambuco em mim? Mais ainda, como vem acontecendo o

Recife nesses anos, e eu, como é que eu lido com a perda de algumas referências, essas lembranças tão recentes, ao andar pelas ruas da minha cidade?”, pergunta o poeta.

Professor universitário de literatura brasileira e inglesa, crítico literário, coordenador do Núcleo de Pesquisa da Fafire, colaborador de sites de poesia e contos, Furtado atribui a tantas atividades a demora em publicar, mas já trabalha em outro projeto, um livro de crônicas, que começou a nascer paralelamente a *De ruas e inti-nerários*, “pra variar tendo o Recife como espaço, essa cidade complexa, que me habita desde que nasci”.

O livro faz referências poéticas ao Recife dos anos 1970/1980, quando “se tinha o direito de admirar a lua cheia sem edifício alto para interromper a visão, os filmes eram no São Luís ou no Veneza. Tenho saudades do projeto Seis e Meia, do Espaço Pasárgada, lá na rua da União...”, mas também resgata lembranças imateriais, principalmente os cheiros e sons ligados aos bairros da cidade, como nos poemas “Aflitos”, “Ubaías”, “Brisa de Apipucos” e “No fundo do Poço”, que traduzem as mudanças ocorridas nesses bairros, ou “Feira da Várzea”, em que remete ao cantar dos galos pela madrugada. Porém, nem sempre as lembranças são agradáveis, como quando falam dos mangues escuros e dos cheiros que lhe valeram a epígrafe de “recifede”.

Autores consagrados da literatura brasileira, que nasceram ou foram moradores do Recife, como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena Filho, Joaquim Cardozo e Clarice Lispector, são lembrados por Furtado em alguns poemas, como “Do veras”, que lembra o conto *Felicidade clandestina*, de Clarice, que morou no bairro da Boa Vista, e “Do beco”, que traça um paralelo com o poema *O bicho*, de Manuel Bandeira, nascido em casarão da rua da União, que narra a degradante situação dos becos no entorno dos mercados e ruas da cidade, onde geralmente o lixo é o panorama mais comum.

O registro de Alexandre Furtado tenta reter na memória dos recifenses “esse Recife que era de poéticas evocações/ ...desencantado pelo descartável/ pelo relógio implacável/ marcando ultimamente/ suas horas/ finitas”.

O LIVRO



De ruas e inti-nerários
Editora Cepe
Páginas 240
Preço R\$ 40

PERFIL

Em meio à abstração que a ficção exige

Inédito em livro, Marco Albertim explica como tenta capturar o seu real

Thiago Corrêa

KARINA FREITAS



Aos 16 anos, Marco Albertim já demonstrava ser um sujeito de visão. Ainda que na época carregasse a inexperiência comum à juventude, ele logo percebeu o privilégio de possuir a capacidade de enxergar. Uma lição que o adolescente entendeu ao ser contratado por um advogado de idade já avançada para lhe emprestar a habilidade do olhar e sua disposição em ler. Diariamente, das 14h às 16h, o garoto saía de sua casa no bairro de Cajueiro e se dirigia à rua Miranda Curió, na Encruzilhada, para ganhar alguns trocados enquanto vivia sua própria aventura borgeana pelos labirintos da leitura.

Apesar de ser ele o narrador, Marco Albertim começou a navegar pelo mar de palavras guiado por seu primeiro patrão. Com os olhos assumindo a condição de duas tochas flamejantes, toda tarde o adolescente assumia o front contra a cegueira do advogado, iluminando a escuridão em busca de palavras, desbravando ideias e sentimentos bordados na forma de letras sobre o papel. “No início, era ele quem escolhia os livros, gostava de romances, contos e alguns livros de história. Com o tempo, ele foi me pedindo para ir ao comércio comprar livros e pude sugerir algumas coisas”, recorda.

Envolto pelas sombras da cegueira, os olhos de Marco Albertim terminaram por se apegar ao deslumbramento das possibilidades da visão. Tal como o confronto entre a palidez do papel e a tinta preta que fixa as palavras, o caminho do jovem Albertim foi ganhando sentido à medida que as histórias se insinuavam na claridade ofusante das entrelinhas da sua vida. “Ali começou meu interesse pela literatura, que permanece até hoje”, revela. Passadas pouco mais de quatro décadas, o senhor de 59 anos continua nutrindo o olhar rígido de caçador à procura de contrastes para montar sua obra e preencher o vazio da sua alma.

Algo que ocorre seja nos momentos de lazer com uma câmera fotográfica Nikon em punho, no simples ato de observar o mundo à sua volta ou na rotina do

seu trabalho. Atuando como jornalista desde 1971, quando deixou de reproduzir histórias já escritas para trabalhar na Rádio Clube, Marco Albertim primeiro encontrou na atividade de repórter a possibilidade de dar vazão não apenas à necessidade de contar cenas que colhia no ambiente real do cotidiano, mas também de adquirir bagagem e experimentar as trilhas improváveis da vida. “Todo escritor se nutre da leitura e da experiência pessoal. Um autor que não sai de casa não pode ser escritor, da mesma forma que quem não lê também não pode”, defende.

Da mesma maneira que muitos da sua geração, essa vivência veio nos tempos da ditadura, através do exercício da prática política, na militância do movimento estudantil como membro da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. “Fui perseguido, passei quatro anos na clandestinidade, trabalhando com outro nome para não ser pego pela polícia”, lembra. A escuridão agora vinha da falta de liberdade de expressão e, apesar das dificuldades da época, o olhar de Marco Albertim continuava a flamejar para iluminar as trevas impostas pelo governo militar como correspondente do jornal *Movimento*.

Longe do Recife para despistar a repressão, o jornalista amenizava a solidão com a leitura, peregrinando por bibliotecas da periferia de Maceió (AL), Fortaleza (CE) e do Rio de Janeiro (RJ) durante o período em que passou foragido. Foi por conta do seu envolvimento político com as ideias de esquerda, que ele terminou por se interessar pela obra de autores russos como Fiódor Dostoiévski, Maksim Gorki, Anton Tchekov e Nikolai Gogol. “Todos esses escritores, embora não fossem filiados a partidos de esquerda, têm uma espécie de compromisso em capturar o homem como objeto da História, eles tinham o sentimento do mundo”, justifica.

Um aprendizado que ele ganhou nos tempos de militância política e faz questão de lembrar não só





nas estratégias de guerrilha usadas para divulgar sua obra, como também para alimentar as histórias que escreve. “Muitos dos meus contos remetem àquela época da ditadura. Quando escrevo, é como se eu estivesse resgatando essa experiência. Aquilo é uma herança, não podia deixar passar em branco uma fase tão importante, eu precisava sistematizar isso de algum modo”, afirma. A luta política também é um dos temas do seu primeiro romance, *Conspiração no Guadalupe*, que vem sendo publicado no estilo de folhetim no *Literário* (<http://pbondaczuk.blogspot.com>).

Nele, o autor parte de situações corriqueiras como uma simples procissão religiosa para desencadear discussões sobre a liberdade de expressão, os direitos individuais, os valores da sociedade e as possibilidades da arte. “Escrever ficção me angustia, porque quero reproduzir o clima do episódio, a subjetividade do personagem e não o fato em si, que seria mais fácil”, completa. Nesse breve episódio do nono capítulo do romance, Albertim expõe o jogo de influências que envolvem a opinião pública, a classe política e a igreja católica, além dos interesses ideológicos e polemistas que alimentam a imprensa local. Em meio a todas essas variantes, o posicionamento crítico do autor fica evidente ao trabalhar a tensão social que se instala a partir da perspectiva mais liberal, através do núcleo de personagens que guardam ligações com o Partido e, assim como ele, acreditam na força de pequenas ações para engasgar o funcionamento de regimes políticos autoritários.

Mas até então a veia de contador de histórias apenas se manifestava na prática jornalística. Com a abertura política e o fim do semanário *Movimento*, Marco Albertim foi trabalhar como copydesk do *Diário de Pernambuco*, repórter do *Jornal do Commercio*, depois integrou o projeto Tiridá Comunicações, junto com o amigo jornalista Urariano Mota e hoje trabalha como assessor do vereador Luciano Siqueira. “Nem todo jornalista é um bom escritor. Isso

só vem com o tempo, você precisa se desprender do figurino, da bitola jornalística”, analisa.

No seu caso, porém, foi preciso um empurrãozinho de Urariano para fazê-lo provar as narrativas ficcionais através do convite para colaborar com o site espanhol *La Insignia* (www.lainsignia.org). “Quando se chega ao nível de escrever ficção, significa que o repórter atingiu um grau de abstração, maturou sua capacidade de capturar o real e tem mais condições de sistematizá-lo no papel”, conclui. Da página espanhola, ele passou para o site *Comunique-se* (www.comunique-se.com.br) e, na sequência, para o *Literário*, onde publica toda quarta-feira, contos e resenhas de livros escritos por autores locais como Samarone Lima, Raimundo Carrero, Pedro Américo de Farias e Inah Lins. “Não faço crítica no sentido de apagar o esforço da pessoa, mas no sentido de ser franco, sincero”, analisa.

Embora afirme que o retorno da web seja interessante, recebendo comentários de leitores da Espanha, Cuba e do México, Marco Albertim ainda sonha com a oportunidade de ver seus textos numa brochura. “Quem não quer ser publicado em papel? A publicação em papel talvez seja até um condicionamento, nossa educação foi feita através de livros, conhecemos os autores consagrados no papel”, observa. Um sentimento de clandestinidade que o fez, logo no início da entrevista, ressaltar seu currículo nos espaços tradicionais do circuito das letras.

Em 2006, por exemplo, a trajetória literária do jornalista foi reconhecida pelo Prêmio de Contos Osman Lins e, em 2008, seu livro ainda inédito *Um presente para o papa* recebeu menção honrosa do Conselho Municipal de Cultura do Recife. Além disso, Marco Albertim também teve textos publicados na *Panorâmica do Conto em Pernambuco* e a primeira edição da coletânea *Contos de Natal*, editada pela Gerência Operacional de Literatura e Editoração da Prefeitura do Recife. Distinções que não lhe garantiram o acesso de suas obras às prateleiras. Na gaveta, encontram-se

“Escrever me angustia, porque quero reproduzir o clima do episódio, a subjetividade do personagem e não o fato em si”

na escuridão outro volume de contos ainda sem título e o citado romance *Conspiração no Guadalupe*.

“As editoras não me mandam respostas, estou esperando até hoje. Eu vivo catando concursos”, lamenta. Apesar do desânimo causado pelo silêncio do mercado editorial e da sensação de clandestinidade no círculo intelectual pernambucano, Marco Albertim mantém a perseverança para escrever suas histórias. Diariamente, após uma caminhada pela manhã na praia de Pau Amarelo, ele senta em frente ao computador e escolhe uma música de acordo com a narrativa que será desfiada. “Como moro em Pau Amarelo, tenho uma tranquilidade muito boa. É somente o computador, a música e eu. Isso me ajuda a escrever, quando a narrativa se passa na Zona da Mata, coloco um coco de roda”, revela, já planejando a trilha sonora da sua próxima história.

Thiago Corrêa é jornalista

DESCANSE EM PAZ

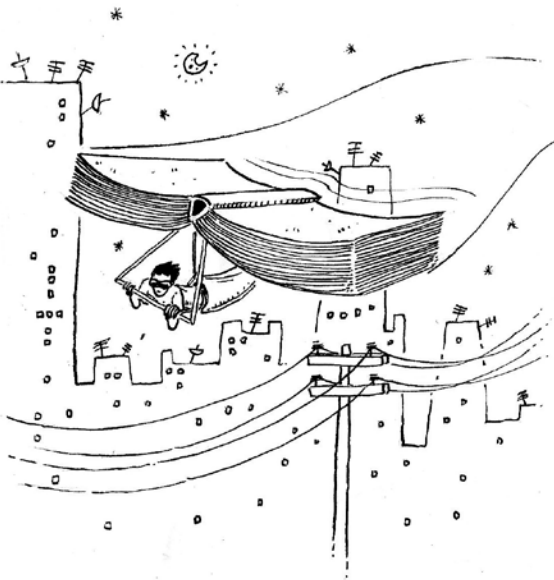
FLÁVIO PESSOA



As boates fecharam e nós crescemos

As lembranças de quando o romance *Christiane F.* incitava fantasias noturnas

Carol Botelho



Christiane F. me faz lembrar o começo da adolescência. Quando sexo era só para as meninas “mais velhas” ou “malfadadas” e Keep Cooler era a “bebida alcóolica” autorizada pelos meus pais. Um dia, uma amiga chegou meio esbaforida lá em casa, com o livro na mão para me emprestar, dizendo que era ótimo, e que ela queria ser igual à menina drogada e prostituída de Berlim.

O mais próximo que ela, eu e outra amiga e companhia de conversas sobre meninos e farras noturnas chegávamos daquele universo era nas nossas saídas, depois da meia-noite, para as boates que existiam na cidade naquele começo da década de 1990. Não eram nenhuma maravilha. Mas ao menos tinha-se lugar garantido pra sair, de quinta a domingo. Um luxo! Sem internet, a música gringa era a dos anos 1980: Joy Division, The Cure e David Bowie, que a protagonista do livro adorava, e nós também. E tome cabelão cobrindo o rosto, óculos escuros e roupa preta naquelas carinhas de menina, que queriam passar uma aura de tristeza e melancolia comuns aos tipos darks e góticos, tão na moda na época. O *make* pesado também dava uma força na hora de não sermos barradas na entrada, por causa de nossa pouca idade.

Mas na verdade tava todo mundo se divertindo muito, conhecendo gente de outros bairros da cidade, andando à noite pelas ruas da Boa Vista, em busca de outros inferninhos, e chegando em casa com o dia já claro, sem forças nem pra tirar a roupa. No meu caso, era uma tal calça boca de sino coladíssima e sandália plataforma roxa. Dificuldade mesmo eu passava no dia seguinte, quando precisava retirar as unhas postiças pintadas de esmalte preto – artesanalmente feito com mistura de tinta de caneta Bic com esmalte vermelho – e coladas com super bonder.

Quantas não foram as vezes que precisei pedir aos amigos que alcançasse no bolso justíssimo da minha calça o papelzinho para trocar por drink, porque minhas unhas não me permitiam executar tamanha proeza. Todo domingo lá estava eu, com as mãos de molho, tirando meus acessórios para chegar, na segunda-feira, devidamente apta a frequentar as aulas em colégio tradicional de Boa Viagem.

Em dia comum, ficávamos mais longe ainda daquela Christiane. O uniforme preto ficava de molho e dava lugar a calça semi baggy da MacQueen, camisa de botão e tênis Reebok. O máximo da rebeldia era gazejar aula e fumar cigarro nas imediações da escola.

Apesar dos questionamentos existencialistas comuns nessa idade, todo mundo era bem protegido graças à estrutura proporcionada pelos pais. Voltávamos pra casa de táxi e raramente frequentávamos o centro do Recife. O mundo se resumia a Boa Viagem, onde morávamos. E não se sentia falta de nada que o bairro central pudesse oferecer. O shopping bastava para marcar a farra de logo mais à noite. Para se abastecer de música, existiam até algumas lojas de discos pela Zona Sul. Nada a ver com as galerias repletas de figuras estranhas e michês relatadas por Christiane. As figuras mais undergrounds que conhecíamos eram os travecos que faziam shows na boate. Ou, no meu caso, uns caras tatuados que andavam de moto e carrões antigos.

A empolgação da minha amiga com o livro talvez fosse consequência do tédio diante de nossas vidas pequeno-burguesas. O máximo da subversão era

A jovem berlinense continua drogada, prostituída e ouvindo David Bowie. Só que a vida dela não tem mais graça

preferir eleger como heroína Christiane F. em vez de Poliana. Droga pesada era um porre de martini e uma vomitada tipo *O exorcista* na frente de todo mundo.

Precursora das Brunas surfistinhas da vida, Christiane F. não vendia o corpinho pra pagar a faculdade ou satisfazer desejo sexual exacerbado, e sim para sustentar o vício de heroína, perambular sozinha com o namorado pelos guetos e assistir a show de ídolos como David Bowie. Aquela cara decadente, cheia de olheiras e veias roxas davam um tom realista ao visual vampiresco, do qual só chegávamos perto à custa de toneladas de pancake, lápis de olho e batom preto.

Tão confusas quanto cabeça de adolescente estavam, naquela época, Berlim e Recife. A primeira em pleno pós-Guerra Fria e pós-queda do muro. A segunda atravessava o período pré-Manguebeat. Enquanto a cidade europeia se reconstruía fisicamente, a capital pernambucana tentava se projetar culturalmente.

Depois acabou a Guerra Fria, as boates fecharam e nós crescemos. Mas Christiane continua drogada. Só que a vida dela não tem mais a menor graça. É como refilmagens, remakes e regravações de obras datadas, ou reabrir boates antigas que foram sucesso numa determinada época. O gostinho nunca vai ser o de antes simplesmente porque o tempo passou, já era.

Se cair nas mãos de adolescentes de 13 anos de hoje, as crises de abstinência e sexo por dinheiro com homens abomináveis de Christiane dificilmente chamarão mais atenção do que o sucesso em livro e seriado *Gossip girl*. Muito mais fascinante e glamourosa parece ser a vida de um grupo de meninos e meninas ricos de Nova Iorque, que se drogam não porque os pais estão brigando em casa, mas simplesmente porque gostam, tanto quanto de fazer fofocas e intrigas, entre uma vernissage e um desfile de moda.

Carol Botelho é jornalista

ONDE ENCONTRAR?



Se seu negócio não são os vampiros de *Crepúsculo* ou *Gossip girl*, dê uma força ao “clássico” *Eu, Christiane F.*, 13 anos, drogada, prostituída, em edição da Bertrand Brasil.



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



CONCURSO Cepe LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

REGULAMENTO

1. A participação estará aberta a todos os brasileiros natos e naturalizados, residentes no território nacional. Funcionários da Cepe e seus parentes em primeiro grau não poderão participar.
2. Haverá duas categorias de inscrição:
 - Infantil (destinada ao leitor entre 6 e 10 anos)
 - Juvenil (destinada ao leitor entre 11 e 16 anos)
3. Cada participante poderá concorrer nas duas categorias.
4. As inscrições estarão abertas de 1º/04/2010 a 30/06/2010, sendo considerada a data de postagem dos originais nos Correios. Após 30 de junho de 2010, não serão aceitas inscrições.
5. Os originais deverão ser endereçados à Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife – PE – CEP 50100-140.
6. Os originais deverão ser inéditos e escritos em língua portuguesa. Entende-se por inédito o original não editado e não publicado (parcialmente ou em sua totalidade) em antologias, coletâneas, suplementos literários, jornais, revistas, sites e publicações do gênero.
7. A identificação dos originais deverá ser feita por meio de pseudônimo, e todas as cópias deverão ser identificadas somente pelo pseudônimo. Paralelamente, em envelope lacrado e identificado com o pseudônimo, o participante deverá apresentar seus dados pessoais (nome completo, endereço, telefone, e-mail, número de RG e CPF, profissão).
8. O candidato deverá enviar cinco cópias de cada original, obedecendo à seguinte formatação:
 - Word, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo.
 - Páginas numeradas e impressas em papel carta ou A4, grampeadas ou encadernadas.
9. Poderão ser inscritos originais com ilustrações já inseridas, porém apenas o texto será julgado. Havendo publicação da obra, a diretoria da Cepe poderá optar por ilustrá-la segundo critérios próprios de editoração.
10. Os originais em desacordo com essas normas serão desclassificados.
11. A comissão julgadora, composta de cinco membros, será nomeada

pela diretoria da Cepe, sendo formada por quatro especialistas em literatura infanto-juvenil e um(a) representante da Companhia. A composição do júri será mantida em segredo até a nomeação dos vencedores do concurso.

12. A decisão da comissão é irrevogável. O anúncio do resultado deverá ocorrer no mês de setembro, sendo publicado no *Diário Oficial do Estado de Pernambuco* e no Portal da Cepe. Os vencedores de cada categoria receberão os resultados por e-mail, pelos Correios ou por telefonema.

13. A festa de premiação do *I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil* deverá ocorrer 15 (quinze) dias após a divulgação dos resultados.

14. O primeiro colocado de cada categoria receberá um prêmio de R\$ 8.000,00 (oito mil reais); o segundo colocado, R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e o terceiro, R\$ 3.000,00 (três mil reais).

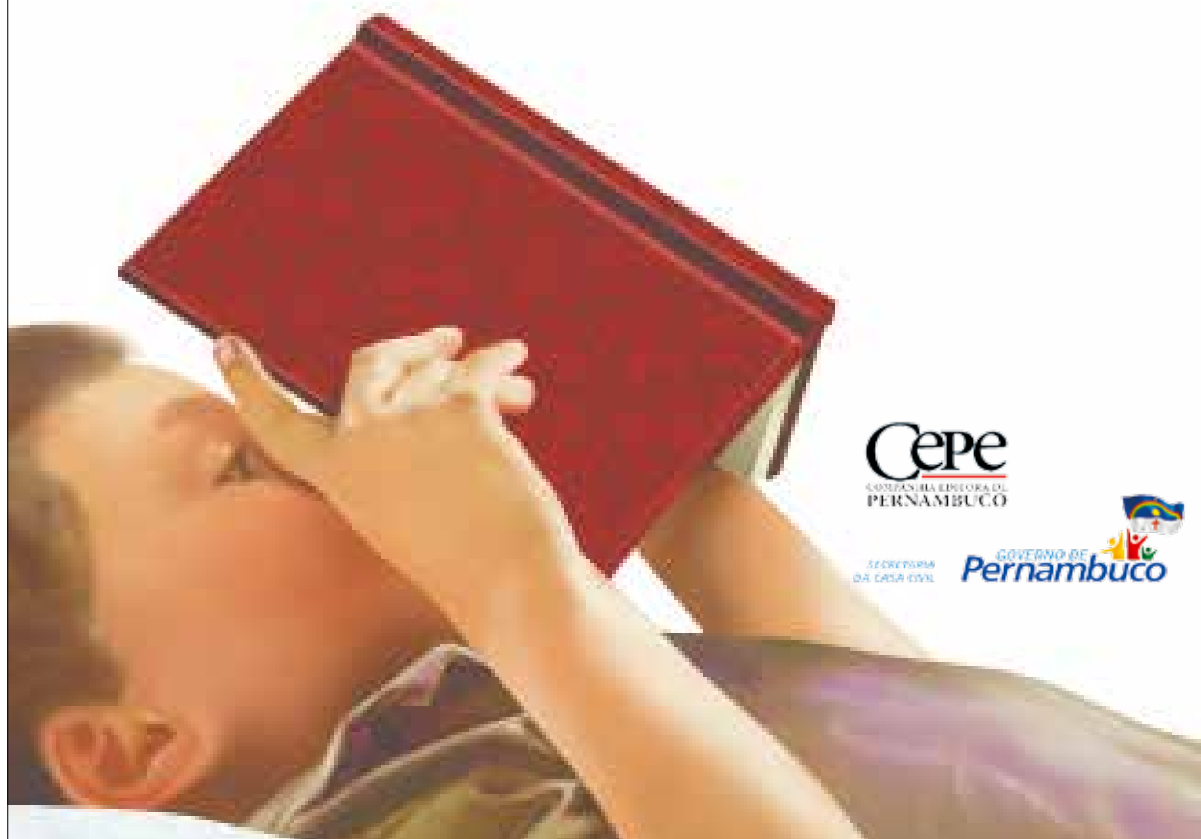
15. A Companhia Editora de Pernambuco – Cepe terá exclusividade na edição das obras vencedoras. Poderá, também, manifestar interesse pela edição de trabalhos não premiados no concurso. Assim, durante o prazo de 10 meses, a contar da data de divulgação dos resultados do concurso, poderá haver contato com os autores de obras recomendadas pela comissão, visando adquirir os direitos de publicação.

16. Os originais e demais documentos entregues à Cepe não serão devolvidos.

17. A apresentação de originais para participar do *I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil* implica no total acordo às normas aqui expressas.

INSCRIÇÕES
1º de abril a 30 de junho de 2010

REGULAMENTO NO SITE
www.cepe.com.br



Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL

GOVERNO DE
Pernambuco



Homem atravessando pontes

Caminha sempre aos domingos, com a devoção de um católico que frequenta a missa. Religiosamente. Bermuda jeans, camisa de malha meio gasta, sandálias de couro no lugar dos tênis e o boné ganho numa loja de construção. Anda dez quilômetros se a bebedeira do sábado não deixou ressaca.

Às cinco da manhã senta na frente do computador; dá os últimos retoques numa conferência ou na pesquisa para não sei qual ministério. Atividades que o mantêm ocupado e à beira do estresse, viajando pelo Brasil, pelo mundo, por universidades e embaixadas. Hospeda-se em hotéis de luxo; recebe diárias e cachês altos. Talvez ganhe bastante dinheiro, nunca se tem certeza. Ele mesmo cria uma atmosfera de mistério em torno desses afazeres alheios às caminhadas e aos encontros com os amigos. Dorme cedo e acorda cedo. Qualquer mudança nesse fuso horário provoca transtornos no humor depressivo.

Trabalha até às 7h50min, sem quebrar o jejum nem mesmo com uma fatia de pão dormido. Às 8 horas desce pelo elevador

de serviço e inicia o périplo por lugares do centro do Recife. Um percurso sempre tão igual que as calçadas de pedra portuguesa guardariam os rastros do andarilho, se não tivessem sido trocadas por blocos de concreto, na nova administração da prefeitura. Substituíram as pedrinhas brancas e pretas com o mesmo cinismo com que derrubam prédios antigos, monumentos e igrejas. Mas o nosso homem de bermuda jeans e camisa de malha meio gasta caminha olhando para frente. Nunca se detém nas fachadas das casas nem nos pardieiros arruinados. Não investiga restos de arquitetura colonial e *art nouveau*, não repara nos avanços modernistas da *art déco*, nem perde tempo com os excessos barrocos. Apenas caminha, exercitando as pernas e a musculatura cardíaca.

A pasta de couro usada nas viagens longas foi adquirida numa loja de departamentos em Londres e os paletós foram comprados em Milão. O avesso do figurino pobre de andarilho recifense. Não vestiria os

mesmos trapos no Caminho de Santiago de Compostela. Com certeza, não. Talvez ele deseje confundir-se com pessoas comuns, perambulando por ruas desertas da cidade, nas manhãs de domingo. Recife mal desperdado, as crianças em cima de papelões nas calçadas, grogues pelo excesso de cola e crack, dormindo alheias ao sol quente no rosto, aos sinos da Igreja de Santo Antônio e ao caminhante que nem olha para elas.

O homem de aparência disfarçadamente modesta talvez pense na sociologia acadêmica, no pós-doutorado em Harvard, no orgulho de ser o provedor da família. Acelera o passo com a certeza de que não ultrapassará os oitenta batimentos cardíacos por minuto, o ritmo ideal segundo o cardiologista que o examinou. Deixa a poesia das ruas para Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo e Carlos Pena Filho. Felizmente não se chama Severino, como no poema de João Cabral, e nunca pensou em atirar-se da ponte para fora da vida. Seu último teste ergométrico foi perfeito.

Vence os primeiros obstáculos da Boa Vista, atravessa a Ponte Duarte Coelho, a Guararapes, a Pracinha do Diário e pega à direita na Rua do Imperador. Chega ao Mercado de São José, cruza o Pátio de São Pedro e o largo da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, com seu esplendoroso altar barroco pagão. Nem uma única vez ele para e contempla as igrejas abertas, relíquias de um passado colonial que o envergonha. Na França, visitou a Notre Dame de Paris e a catedral de Chartres. Mas a França é a França e Pernambuco é Pernambuco.

Apenas agora se liga nos primeiros sinais de fome, um aumento do peristaltismo abdominal. Não come há mais de doze horas. Habitou-se ao jejum prolongado. Às dez, sentará com amigos no Mercado Popular da Boa Vista para uma rodada de chope e um arrumadinho de charque. Prefere rum com coca-cola, pois cerveja dilata a bexiga. Sente dores no púbis desde quando a esposa dedicou-se à ioga tantra, exigindo-lhe que mantenha por mais tempo a ereção do



SOBRE O AUTOR

Ronaldo Correia de Brito lança seu novo livro de contos *Retratos imorais* no segundo semestre pela Alfaguara. Este é um dos textos da obra.

pênis e alcance o orgasmo sem ejacular. Um esforço excessivo na sua idade. Aceita o sacrifício estoicamente, temendo que ela o imagine sem a mesma potência do início do casamento. Garante aos amigos manter a ereção durante seis horas. Nenhum acredita.

Cruza a Ponte Velha sobre o rio Capibaribe de águas podres, onde jura que se atira no dia em que ficar impotente. O suicídio premeditado nada tem a ver com a poesia de João Cabral, nem com Seu José mestre carpina do poema em louvor à vida, mesmo a vida mais insignificante, uma vida severina. Nada do discurso sociológico que sempre lhe garantiu bons empregos e salários. Um suicídio por questões meramente sexuais, talvez antropológicas. Jura aos amigos matar-se. Eles riem entre uma bebida e outra, nos encontros de domingo após as caminhadas, em lugares sórdidos onde servem comida deplorável e tocam música em radiola de ficha.

A ponte fende o rio em dois. Sente o mau cheiro da maré baixa e avista caranguejos à deriva. A

mulher descobriu um novo roteiro para o sexo: o tantrismo. O que a sociologia do mangue e as palafitas da Ilha do Leite têm a ver com a cultura amorosa indiana, que o oprime e o deixa também à deriva? Desenvolveu um modo próprio de pensar e fazer o sexo. Sofreu para circuncidar-se sozinho, soltar o prepúcio da glândula, romper o cabresto. Prefere as mulheres no papel de mulheres e ele no de homem. Quando os amigos pedem que explique melhor suas teorias, enrola-se em frases sem conteúdo e o levam no deboche.

Os caranguejos se enovelam na lama suja, uma visão aterradora. São os mesmos que os catadores limpam e vendem presos em embiras: dóceis, amansados. Saem da prisão dos barbantes para a panela de água quente. Bem simples e prático. Depois, são servidos à mesa com pirão de farinha de mandioca. Uma gastronomia irretocável, fruto da tradição, o regionalismo tradicionalista e a seu modo modernista das lições de sociologia e antropologia pernambucana. O andarilho sorri ao lembrar que os caranguejos

fazem parte de uma cadeia alimentar e cultural, em cujo topo ele se agarra a um emprego para sobreviver. Cospe com nojo nos bichos atacadados tentando escalar os paredões da ponte e invadir as ruas da cidade. Imagina o Recife tomado por milhões de caranguejos, numa guerra para que o mangue sobreviva. Os bichos amontoam-se como degraus de uma escada, ganham altura, oscilam e tombam de volta à lama e ao caos do rio. Lembram tarântulas sem veneno. Apertam com as tenazes das patas os intelectuais metidos a pesquisar a podridão do mangue, provocando susto, dor e gritos nos invasores, um mal passageiro e merecido, embora nem se compare à febre venenosa das tarântulas.

Bichos tântricos, trepam uns sobre os outros e, se deixarem, ali ficam para sempre. Ele não deveria consentir que a mulher frequentasse o curso de ioga tântrica, com um professor indiano. O que um indiano entende de caranguejos de patas arreganhadas, que nós quebramos com porretes de madeira e chupamos a

carne e os miolos? Pergunta-se com raiva, conjugando o verbo quebrar na primeira pessoa do plural como político devasso ou professor acovardado: nós. É ele quem deseja quebrar. A cada mês a mulher passa um final de semana fora de casa, num hotel de campo, em meio ao que restou da Mata Atlântica. O mestre e os discípulos discorrem sobre sexo tântrico. Será que se exercitam em aulas práticas? Ele também viaja, passa dias fora de casa. Os homens foram nascidos para viagens, aventuras, perigos e guerras. É biológico. As mulheres esperam, tecendo mantos infindáveis. Sempre raciocinou dessa maneira, apesar da sociologia, da Califórnia, da contracultura e de todos os libelos feministas.

– Muitas coisas mudaram, mas, no campo da relação entre os sexos, continuam iguais.

A irlandesa Edna O'Brien também pensa como ele, o que o deixa bastante orgulhoso. É uma mulher inteligente, de olhos verdes e pele muito alva, sempre vestida de negro. O sexo ocupa os pensamentos da escritora como

algo misterioso e agressivo, que ela transforma em literatura para não enlouquecer. O instinto e a paixão dos homens e mulheres são radicalmente diferentes, argumenta numa entrevista a Philip Roth. Na hora de se agarrarem, os homens possuem mais autoridade e autonomia. Gozam dentro das mulheres doando sêmen, o líquido vital cheirando à água sanitária. Elas recebem o tesouro viscoso, uns poucos mililitros repletos de espermatozoides, milhões de células inquietas de cabeça grande e cauda buliçosa. Retêm-no sem dar nada em troca, enquanto os homens tombam de lado, exaustos, precisando de um tempo para se refazer do esforço, alheios à viagem das parceiras. Fogem para um lugar só deles. Olham a parede contrária ao rosto que há poucos minutos beijavam com sofreguidão. As mulheres desconhecem por onde os homens passeiam, não compreendem quão instintiva é a partida, essa busca de encontrar-se a si próprio e reanimar-se. Sentem-se abandonadas e magoadas. Edna



INÉDITOS

Ronaldo Correia de Brito



O'Brien experimenta um vazio igual e arranca seus escritos do nada. O andarilho acredita que as mulheres inventaram o sexo tântrico para vingar-se do abandono posterior ao orgasmo. Se os homens não ejacularem, ficarão em pé de igualdade com elas. Os machos nada doarão de si; talvez apenas um espermatozoide afoito. Anulam-se as leis biológicas, desfaz-se a relação de poder e mando. O amor sexual passa a desencadear-se pela consciência e não mais pela paixão.

O corpo treme quando contempla a escada de caranguejos, desabando na lama podre. Talvez desista do encontro com os amigos e apareça de surpresa no hotel onde a mulher se hospedou para o curso. Ela ficará assustada com a presença dele em meio aos colegas, temendo o que possa imaginar de ensinamentos tão estranhos ao meio acadêmico do curso de sociologia. No começo, ela até sugeriu ao marido se incorporar à turma de iogues. Parecia sincera. Mas foi apenas no começo.

Não irá pelo Cais José Mariano, mesmo sendo domingo. A lembrança dos armazéns de madeira, dos caminhões descarregados por homens fortes e suarentos, o enoja. Prefere a rua da Matriz da Boa Vista, onde se casou. O que a esposa conversa com o profes-

sor indiano? Até onde chegam as intimidades verbais? Em que termos falam de sexo, endurecimento, ejaculação, orgasmo? Já são quase dez horas e os moradores de rua continuam dentro de suas casas improvisadas com plásticos e papelões. Dá para ver alguns bebendo aguardente, de cócoras na calçada. Os gradis dos casarios, orgulho da memória ibérica pernambucana, servem para amarrar os plásticos com que improvisam os abrigos, a cada noite. Apenas nos domingos as cobertas permanecem montadas pelo dia afora. Quando chega a segunda-feira, os moradores se dispersam e a cidade reassume a vida comercial. Melhor ignorar tudo isso, não fez sociologia pensando em sujar as mãos no sangue. As feridas são para os poetas e guerreiros. Prefere batalhas na cama, mas a esposa o obriga a uma contenção severa, enchendo sua musculatura de dores.

Será que o indiano segura seis horas de ereção sem ejacular uma única vez? A mulher garante que sim. Como ficou sabendo? Ele, o marido, sempre gostou de esporrar, de ver as arremetidas do jato de esperma. Orgulha-se da força propulsiva do membro, lançando a quase um metro de distância os jorros em ondas de gozo. E os moradores de rua,

como fazem sexo? Amontoados na lama, igualzinho aos caranguejos? Pessoas caminham nas calçadas, carros buzina nas ruas, vizinhos de mocambos de papelão se esfregam ao lado, sem afetá-los. Pernas, braços e cabeças invadem os espaços. Corpos amontoados se tocam, chafurdam entre molambos e restos de comida, em torno de garrafas vazias, pontas de cigarro, maconha, cola e crack. Imagina uma suruba coletiva debaixo dos papelões, como nos filmes pornô ou na antiga Babilônia. Excita-se. Teme não resistir ao impulso de enfiar-se em algum daqueles tugúrios. Aperta o passo, confiante no teste ergométrico, porém o coração acelera a cento e dez batidas por minuto.

É necessário sentar e descansar. Chegou à antiga Praça da Boa Vista, onde no passado havia um chafariz. Seria bom refrescar-se. Agora, a água brota de uma fonte resguardada por ninfas e leões. No alto, a escultura de uma índia remete aos antigos moradores de arrecifes e manguezais, dizimados como os caranguejos. Outros crustáceos se movimentam em torno da praça gradeada. Melhor nem mencioná-los.

O andarilho cansou dos próprios pensamentos e das imagens sem pudor. Não costuma deter

o olhar em quase nada, mas se embevece com as ninfas de perfil clássico, os peitos à mostra. Envergonha-se das fantasias com mulheres que o abordam pedindo cigarro e dinheiro, mas é seu modo pueril de vingar-se da esposa ausente.

Na casa de número 387, um pouco à frente, viveu na infância a escritora Clarice Lispector. Lembra o nome de um livro escrito por ela: *A imitação da rosa*. Leu apenas o conto que dá nome à coletânea: a angustiante loucura de uma mulher, obcecada pelo desejo de alcançar no casamento a perfeição das rosas. Pensa na esposa e sente uma fisgada no peito esquerdo. Ela também busca a harmonia na vida conjugal, a perfeita comunhão entre corpo e alma. Ele não compreende essas coisas e provavelmente está enlouquecendo.

Construíram a fonte de pedra em Lisboa, do outro lado do Atlântico. Várias praças se sucederam ao longo do tempo, até esta por onde ele caminha inquieto. É possível investigar o passado de todas elas, seguir as pegadas de Clarice e famílias judias dando voltas ao redor, tentando esquecer os horrores da guerra.

O coração permanece acelerado, ameaçando explodir. E se pular na água? Talvez refresque a cabeça. Talvez.

Uma pequena revolução entre as prateleiras da Casa dos Frios



INÉDITOS

Fabiana Moraes

Os dados históricos foram pesquisados no site da Fundaj (<http://www.fundaj.gov.br>, texto sobre a origem das Graças, escrito por Leonardo Dantas)

Os dados econômicos-sociais são relativos ao *Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife* (http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_recife/index.php), publicado em 2005

O chá, os sequilhos e a geléia disseram adeus e deixaram um vazio no coração do bairro das Graças. Da porcelana branquinha, repleta de miúdas flores azuis, existe um ou outro exemplar na cristaleira. A casa grande, com oito quartos, foi vendida com todos os móveis dentro (“Parece que foi R\$ 500 mil”, diz o guardador de carros que passa o dia sob uma árvore na rua das Pernambucanas). Perto, um solar cheio de eiras e beiras deu lugar a um edifício marrom. Quem prestar atenção ainda encontra no chão os trilhos dos bondinhos que circulavam por ali, onde a Pernambuco Street Railway Company, com seus bondes puxados a cavalos (chegaram em 1883) acabou se rendendo à modernidade dos veículos elétricos da Pernambuco Tramways (a novidade chegou em 1915). Sem chá, finas xícaras e moças usando finas rendas enquanto observavam o progresso passar, o que restou dessa antiga freguesia que em 1872 contava com 4.511 orgulhosas pessoas livres e 922 escravos? Apenas ela, a querida Casa dos Frios.

Erguido há mais de 50 anos, esse verdadeiro oásis do bem-estar não resume, observe, suas prateleiras abarrotadas de antepastos e vinhos do Dão ao clichê de ponto turístico. Se aquele bolo que não ousa dizer o nome – aquele, enroladinho, feito de pão de ló, recheio de goiabada – foi também responsável pela promoção destas terras em escala extra-estadual, ele, ao mesmo tempo, causou certa popularização de um canto onde se reuniam, ainda que timidamente, os saudosos donos da porcelana branquinha. De repente, no corredor das massas caseiras, perto do balcão que exhibe o incomparável queijo de cabra (fromage de chèvre, prefere o gourmet) encontravam-se os amigos cujos avós banharam-se num outrora limpo rio Capibaribe. A alegria de encontrar aqueles que pertencem e sempre pertenceram a um círculo prestigioso e feliz, no entanto, foi de alguma maneira maculada pela invasão de curiosos atraídos pelo bolo que não ousa dizer o nome. Ah, se eles soubessem que há tantos outros segredos naqueles becos cheirosos onde o gourmet sente-se finalmente feliz ao encontrar o seu arroz selvagem preferido, o chardonnay inebriante, os delicados filamentos de açafrão...

Na verdade, a circulação de donos de sobrenomes e cores mais comuns entre a antiga população de 922 escravos do que entre as 4.511 orgulhosas pessoas livres ocorre para além das paredes da Casa dos Frios. Lá fora, no entanto, é mais fácil encontrá-los ocupando-se de funções como a do nosso citado

guardador de carros da Rua das Pernambucanas. Há também a senhora que assa tapiocas pertinho da Igreja de Nossa Senhora das Graças, padroeira do bairro; há os meninos que brincam e pedem uns trocados em frente a pequena padaria de onde sai o cheiro reconfortante de pão no fim de tarde. Há também um ou outro morador atraído pelo charme dos prédios antigos, de encanamento ruim e aluguel possível. São eles que também, talvez se sentindo em casa, vão até a nossa delicatessen-símbolo em busca de algo mais gostoso e menos ordinário. Chegando lá, percebem um ou outro olhar não acostumado à face do “novo visitante”, o olhar daqueles cujos avós banharam-se num outrora limpo rio Capibaribe.

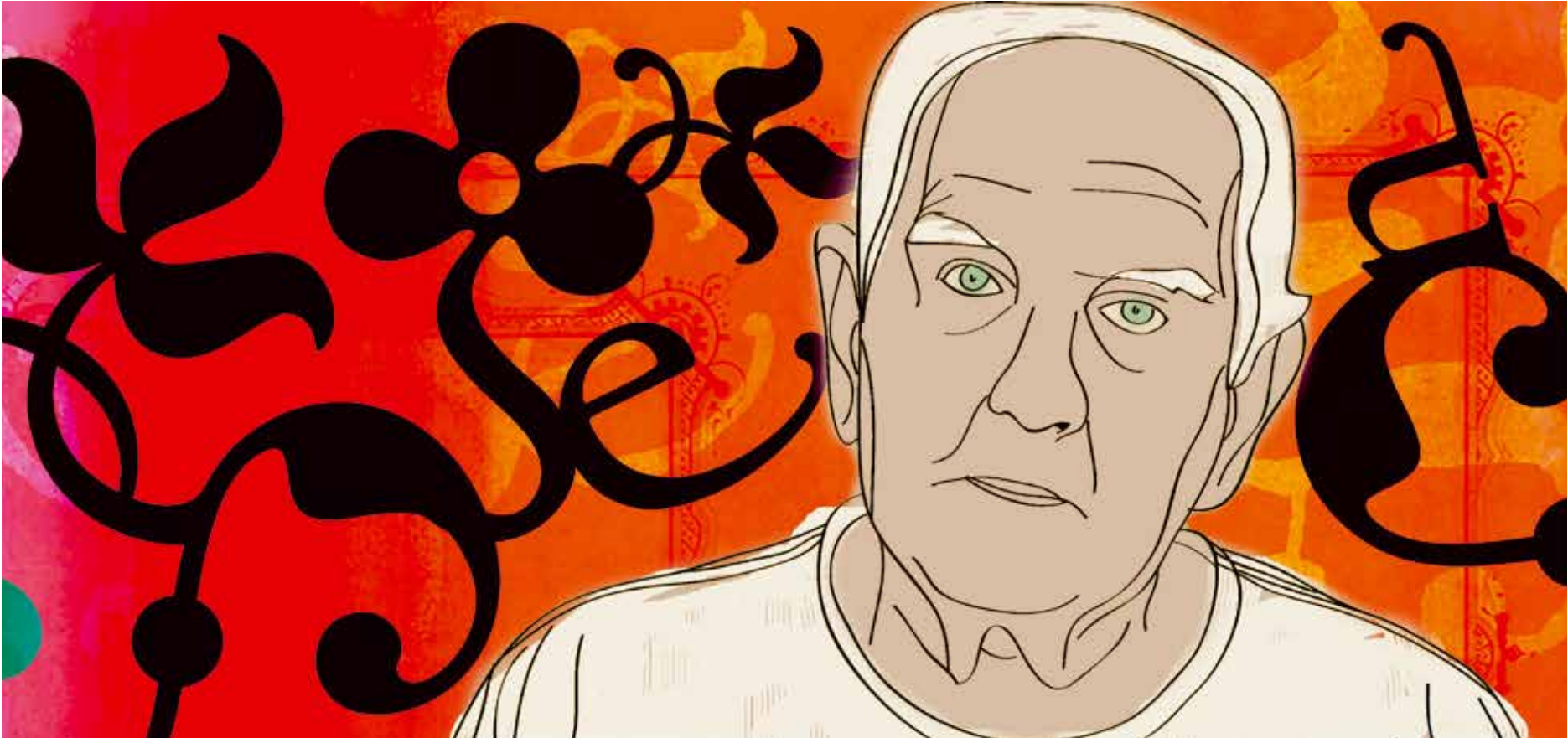
Mas nem tudo é tristeza: alguns dos novecentos e poucos misturaram-se de fato aos quatro mil e tantos, multiplicaram-se em termos de população e todos observaram, felizes, a pesquisa onde se via que o agregado dos bairros residenciais Graças/Aflitos/Derby/Espinheiro estava no segundo lugar no ranking de áreas mais ricas da cidade, com índice de 0,953. É preciso frisar que nesse atual bolo (respeitando a tradição açucareira de nosso Estado) a proporção de participantes daqueles novecentos e poucos e a outra, a dos quatro mil e tantos, se mantém. A receita leva bem mais leite do que chocolate. Essa gente hoje passa com seus carros, ora levando a caixa azul do bolo comprido, ora os vinhos do Dão, por cima dos trilhos dos antigos bondes da Street Railway Company e da Pernambuco Tramways: 87,6% dos moradores das Graças/Derby/Espinheiro têm um. É a maior proporção por habitante no Estado. Talvez isso explique a necessidade de os belos modelos, alguns importados, pararem na pequena praça reservada aos pedestres localizada em frente a nossa querida Casa. Talvez explique o engarrafamento em frente ao histórico Palácio dos Manguinhos, aquela gostosa confusão que a gente se acostumou a ver no início da manhã ou no comecinho da noite. Mas é preciso considerar. Muito já foi perdido e é necessária alguma leveza, tanta quanto a da massa do bolo com goiaba. Deixem os carros bonitos sobre a praça, que os pedestres caminhem pelas históricas ruas. arborizadas, beleza que certamente é maior que um ou outro esgoto estourado ou a enorme quantidade de cocô deixada pelos cãezinhos vestidos com blusas de time. É preciso, sempre, abrir passagem para aqueles que procuram alguma paz nas prateleiras da Casa dos Frios.

SOBRE A AUTORA

Fabiana Moraes é jornalista, mora no bairro das Graças e compra vinho em promoção na Casa dos Frios.

RESENHAS

KARINA FREITAS



A beleza das digressões da memória

Estão todos dormindo, de Edson Nery da Fonseca, traz perfis de importantes intelectuais do País

Eduardo Cesar Maia

Em sua nova obra, que pode ser definida como uma mistura de memorialismo e historiografia intelectual, Edson Nery da Fonseca, como que buscando um acerto de contas com o passado, traça o perfil de pessoas com as quais conviveu e que tiveram importância na formação de sua visão de mundo. Segundo o prefaciador da obra, o professor Anco Márcio Tenório Vieira, trata-se de “um memorialismo que se manifesta obliquamente, por subtração, como partes de uma reflexão maior”. De fato, Edson Nery, como uma espécie de Riobaldo do mundo real, tenta buscar um lastro de sentido na miríade de acontecimentos e de pessoas que visitam suas lembranças e acaba compondo um painel da história recente da cultura brasileira.

No seu livro anterior, *Vão-se os dias e eu fico*,

publicado em 2009, o autor partia de sua história pessoal e acabava falando de episódios e personagens; em *Estão todos dormindo*, o caminho é inverso – a partir da caracterização de outros, ele acaba, hábil e subliminarmente, revelando sua personalidade e seu pensamento. Este último livro é mais uma prova de que se trata do autor mais competente do País em atividade no gênero memorialístico.

Edson Nery formou-se intelectualmente numa época em que intelectuais eloquentes e eruditos, como Álvaro Lins, Gilberto Freyre e Otto Maria Carpeaux (um dos perfilados no livro), movimentavam o debate cultural brasileiro. O texto de Edson Nery da Fonseca, personalista, amplo e digressivo, é, sem dúvida, devedor desses grandes estilistas já desaparecidos. O grande mérito das narrações de cada

perfil é como o escritor consegue relacionar seu personagem com o momento histórico e com a ideias de cada época. A reflexão não se limita, portanto, à contribuição intelectual de cada indivíduo: Edson Nery, utilizando-se de sua erudição e senso crítico, mostra o papel que essas ideias desempenharam na dinâmica da história cultural recente do País. Ao falar de seu amigo Anísio Teixeira, por exemplo, que em geral é exclusivamente lembrado como grande educador, o autor apresenta outras dimensões do personagem, como a religiosa e a política, tudo isso imiscuído a episódios retirados da relação pessoal entre os dois.

O pensamento do autor sobre a morte é uma constante no livro: todos os personagens já se foram, “estão todos dormindo, profundamente”, como no verso de Manuel

Bandeira. A obra reflete a humildade daqueles que – como um James Boswell em relação a Samuel Johnson, reconhecem-se não como protagonistas da história, mas como apaixonados admiradores e divulgadores daquilo que é intelectualmente importante e, principalmente, daquilo que é belo.



MEMÓRIA

Estão todos dormindo
Autor: Edson Nery da Fonseca
Editora: Cepe
Páginas: 175
Preço: R\$ 30

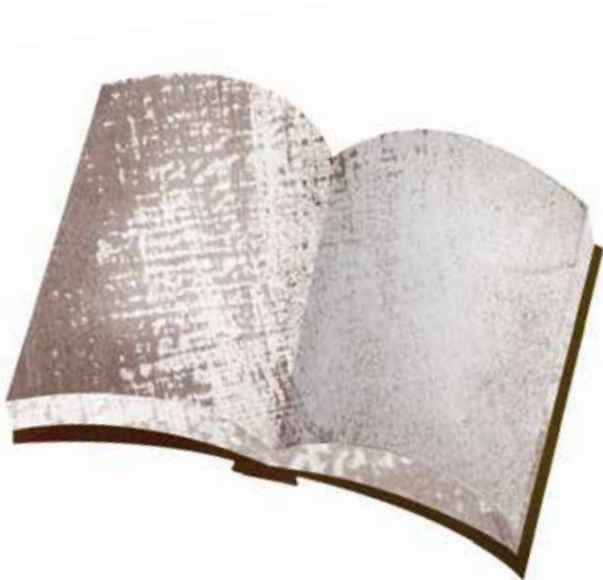
NOVOS X VELHOS

Escritores do passado ainda esperam resgate e jovens autores ganham espaço em coleção

Foi adiado para o segundo semestre o lançamento da coleção *Flores do mal*, da recém-criada editora Moinhos de Vento, que pretende tirar do esquecimento escritores do passado, a exemplo de Agripino da Silva, poeta simbolista recifense do início do século 20, que colaborou na famosa revista *Heliópolis*. O editor Fábio Andrade explica que a pesquisa ainda

tem de ser mais apurada. Enquanto isso, os jovens autores ganham vez e voz na *Coleção catavento*, que estreou com dois livros, um de poesia outro de prosa. No final de março aconteceu o lançamento do selo editorial Moinhos de Vento, com os livros *Poeira de Chipre* (Felipe Aguiar), *Arete* (Cristhiano Aguiar) e *Noite de véspera* (Júlia Larre).

KARINA FREITAS



NOTAS
DE RODAPÉ

DIVULGAÇÃO



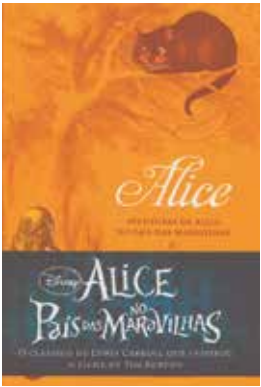
Uma maravilha de bolso

O cineasta norte-americano Tim Burton está no comando de um dos filmes mais comentados de 2010. E isso não apenas porque bancou o estrondoso valor de US 700 mil para publicizar sua versão cinematográfica do clássico infantil *Alice no país das maravilhas* na primeira página do *Los Angeles Times*, mas, sobretudo, por conduzir à geração 2000 a genialidade do escritor inglês Lewis Carroll.

Sem perder o bonde, a editora Zahar aproveita para relançar parte da obra do inglês, com *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, e sua continuação, *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, no formato de edição de bolso. A publicação traz um diferencial: é o único *pocket book* do mercado com tradução na íntegra para o português.

Parte do charme do lançamento é sustentado

pelas ilustrações de John Tenniel, contemporâneo de Carroll. A editora carioca zela ainda pelo capricho nos acabamentos, em uma edição capa dura para se ter na estante de casa. **(Guilherme Carréra)**



CLÁSSICO

Alice – Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá

Autor: Lewis Carroll

Editora: Zahar

Páginas: 317

Preço: R\$ 19,90

ANA BIZZOTTO



O fetiche da solidão

Leveza e sedução representam as principais qualidades deste livro de Inah Lins de Albuquerque – *A solidão é espaçosa* – que chega ao mercado com o ímpeto de best-seller: na primeira semana de lançamento chegou a integrar a lista dos livros mais vendidos do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. O que só reflete a dedicação dessa autora estreante, que frequenta oficinas de criação literária e colabora com sites nacionais. Trabalho de quem se empenha no esforço de amplitude de um mundo, para refletir a leitora inquieta que sempre foi.

Talvez por ler muito e por conhecer, sem dúvida, os mestres da literatura universal, Inah trilha os labirintos da ficção, tratando de aprofundar o conhecimento do personagem e, portanto, da frase, com um cuidado claro de estilista. Não lhe é estranha de Virgínia Wolf ou

de um Flaubert, com suas linhas de penetração no espírito humano, com suas dores e suas alegrias. Daí por que em certas ocasiões seus contos lembram crônicas familiares, com suas lembranças e histórias. **(Raimundo Carrero)**



CONTOS

A solidão é espaçosa

Autor: Inah Lins de Albuquerque

Editora: Calibã

Páginas: 208

Preço: R\$ 30

PRATELEIRA

HISTÓRIA DA ESCRITA

Cerca de cinco bilhões de pessoas (85% da população mundial) têm acesso à leitura, graças à democratização da escrita e a popularização e crescimento da indústria do papel, que permitiram a alfabetização em massa. As dinâmicas sociais que envolvem os sistemas de escrita há seis mil anos é o tema do livro de Roger Fischer, que apresenta suas origens, formas, funções e mudanças cronológicas, associadas às transformações por que

passou a humanidade, desde as primeiras inscrições até a adoção dos meios eletrônicos e sua proliferação entre o público jovem.



Autor: Steven Roger Fischer

Editora: Unesp

Páginas: 293

Preço: R\$ 45

FENDA DO TEMPO

O livro introduz a figura do professor Bildamaster Zarp, curioso cientista que investiga uma fenda gigante que apareceu em seu quintal. O professor descobre uma falha na estrutura do espaço e tempo que lhe permite viajar entre a Idade Média, a São Paulo dos anos 1920 e os dias de hoje, envolvendo-se nos acontecimentos históricos e em grandes aventuras, quando contracenam com vários personagens. O livro faz

parte da premiada coleção *Barco a vapor*, dirigida a jovens leitores. A obra tem belas ilustrações de Fernando Vilela.



Autor: Dionísio Jacob

Editora: SM

Páginas: 208

Preço: R\$ 26

HISTÓRIAS DE CARNAVAL

No rastro do carnaval foram editados muitos livros que têm a festa de Momo como tema. Este reúne contos de alguns dos maiores escritores brasileiros, como “Um dia de entrudo”, de Machado de Assis, e “Restos do carnaval”, de Clarice Lispector. A leitura permite traçar a trajetória da festa que se tornou emblemática da miscigenação e da cultura nacional. A obra faz

parte da coleção *O prazer da prosa*. As ilustrações são de Salmo Damsa.



Autores: Clarice Lispector, João do Rio, Lima Barreto, Machado de Assis, Marques Rebelo, Raul Pompéia

Editora: Scipione

Páginas: 88

Preço: R\$ 26

ESQUIMÓ

Reúne 60 poemas escritos entre 2006 e 2009, que se articulam entre si, com vigor e delicadeza, características marcantes do autor. Essa articulação, de ritmo, sintaxe e sentido, imprime movimento à leitura, possibilitando uma espécie de releitura retrospectiva, como se os poemas estivessem todos guardados na memória do leitor. O autor, considerado um dos melhores poetas da atualidade, divide a obra, de forma bem-humorada, em duas

vertentes, “poemas vazios” e “poemas bizarro-humorísticos”, ao lado dos “poemas de amor” que constituem a maioria.



Autores: Fabrício Corsaletti

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 80

Preço: R\$ 31

APOSTA EDITORIAL

Texto-partitura em livro de escritor japonês

Como se fossem notas musicais numa partitura. Foi dessa forma que o autor japonês Kazuo Ishiguro concebeu as cinco histórias que compõem seu novo livro, *Noturnos*, uma das apostas editoriais da Companhia das Letras para este primeiro semestre. O livro trata do estreito limite temporal do crepúsculo, e como este é um momento propício a estimular reflexões. O lançamento deverá ocorrer em maio.

PROJETO LABORATÓRIO I

Começa temporada de talk show sobre crítica

Exercitar a crítica literária com a participação do público é o objetivo do projeto *Laboratório de crítica*, que começa dia 13 no Teatro Hermilo Borba Filho. A cada encontro, dois convidados conversam com um crítico e com a plateia. O projeto também vai gerar conteúdo para uma revista eletrônica. A temporada terá seis edições, sempre na segunda terça-feira do mês, às 19h, com entrada franca.

PROJETO LABORATÓRIO II

Debates serão gravados e exibidos na web

Os curadores do projeto são Wellington de Melo e Bruno Piffardini (da FreePorto), Cristiano Ramos (Opinião Pernambuco), Cristhiano Aguiar (revista *Crispim*) e Jomard Muniz de Britto. Na primeira edição, como convidados estarão o professor e ensaísta Anco Márcio Tenório e o jornalista Schneider Carpeggiani. O público poderá participar das discussões pelo site do projeto no endereço www.olaboratorio.wordpress.com.

CRÔNICA

Dora Ribeiro



RENATA CADENA

Meu voto em 2010

Eu voto no presente. Voto no falar do presente. Escolho essa matéria informe, de definição negativa. Esse lugar abandonado, no qual apenas aprendemos a suportar o que já veio ou o que ainda está para vir.

Assinalo o presente porque aqui é o nosso lugar. Nele está toda a invenção. Toda a nossa vida. É o ponto zero, com um gosto de infinito. Aqui não há posse registrada de ninguém. A história não julga e as previsões não têm futuro. Parece ideal, mas não é. Aqui sempre foi um lugar de difícil arrumação. Porque nele se faz e nele se paga. Por isso também, muitas vezes, evitamos encará-lo, sonhando que a sua presença é demasiadamente efêmera.

Distingo o presente porque nele está o lugar da poesia. Cada poema escrito banha-se a si próprio nesse caldo pesado e quente e tenta construir a sua medida da hora. Todas as coisas vivas estão em permanente confusão. Da mesma forma o poema. Que, muitas vezes, não sabe respirar as calamidades nem responder ao prazer. Quando acerta, porém, o poema consegue explicar a razão porque perdemos tanto tempo examinando o vulgar e a sua natureza. A sua leitura provoca inundações que tornam impos-

sível refazer o caminho de volta. Pura delícia.

Não existe um tempo adequado para a poesia. “Como um sapo num poço não pode falar do mar”, também não temos água suficiente para definir esse calendário. A nós basta-nos o desejo de olhar de perto as mudanças, as ruínas, a completude, o vazio. O caráter do tempo e da sua gente. Ler essa variedade, mesmo sem compreendê-la, é saber ser amante da poesia.

Na poesia, o tema não importa. O seu corpo está apto para suportar qualquer agressão. Democrática na aparência, não abandona, na verdade, o alimento discriminativo que há no mundo. Crê na legitimidade do elitismo sem máscara, porque parte natural e imprescindível do ato de criação. Porque não existe nova construção sem o privilégio da destruição e do cometimento de erros graves.

Acredito que o melhor da poesia, e aquilo que explica a sua permanência, é o fato de que ela, algumas vezes, consegue criar imagens para o tempo que se segue. Alimentando assim a formação de novas estruturas e novos espaços mentais, e cultivando mentes capazes de pensar no presente. Como diz a tradição chinesa, as imagens e

os números são os dois princípios estruturantes da realidade.

Não sei quantos males há no mundo. As religiões têm-se ocupado disso com muito maior zelo. Mas, talvez, a poesia sirva para uma boa contabilização laica dessa matéria. Uma tarefa que tem a sua importância não na escrituração doentia dos desastres, mas na avaliação inteligente dos terrenos danosos por onde andamos e das suas interações com as vidas e os modos presentes. Olhando para eles, podemos, em determinados momentos, contemplar a mente do presente. Isso, porém, não se faz sem dedicados leitores contemporâneos.

A poesia não é para a história. É para hoje. Por mais laboriosa que seja a sua leitura para os olhos atuais, deles depende a sua interpretação completa. Porque a partilha de erros, códigos e sabedorias gera uma poderosa relação entre leitores e escritores, mais forte até do que a que liga usuários de uma mesma língua.

Por isso mesmo a poesia não é um empreendimento irremediavelmente nacional. Apesar das limitações ao acesso, geradas pelas diferentes formas linguísticas e culturais, um poema contemporâneo tem sobre nós um conheci-

mento excepcional e autêntico. Deveríamos ler poesia na mesma medida em que aprendemos a contar e calcular.

Ler poesia é tão importante quanto produzi-la. Mas, por ser mais exigente, corre o risco de perder terreno para a escritura. O resultado desse desequilíbrio pode ser desastroso, já que sem excelentes leitores não há excelente poesia. Simplesmente porque os poetas precisam de um cenário intelectual que discuta valores, talento, política, escolas, organizações, limites.

Faço votos de que a poesia do Brasil possa contribuir para a defesa do conhecimento através da leitura. Uma forma de aprendizado formal e regrado. Ambicioso também, visto que deseja inovar e vencer insuficiências. Sempre aberto ao diálogo, mas ferozmente contra o discurso que procura negar o valor da excelência.

Espero que o país seja capaz de ler na poesia do seu tempo a natureza do seu presente, num exercício de reflexão individual e coletivo. Não se trata aqui de nenhuma espécie de redenção, mas sim de uma maneira alternativa de organização do pensamento crítico. Como escreve o poeta chinês Bei Dao (1949-), “aquilo que aparece no desaparecimento é/ a rosa do tempo”.

SOBRE A AUTORA

Dora Ribeiro é poeta e publicou *A teoria do jardim* e *Taquara rachada*. Atualmente reside na China.